

UNIVERSIDADE TIRADENTES

BRAULIO TELES DE MENEZES NETO

VIDEORREPORTAGEM: “BELA”, A SANTA CRUZ DO
POVO MARUINENSE

ARACAJU

2018

BRAULIO TELES DE MENEZES NETO

VIDEORREPORTAGEM: “BELA”, A SANTA CRUZ DO
POVO MARUINENSE

Projeto de pesquisa teórico-prático apresentado à Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo.

Professora Me. Juliana Almeida

ARACAJU

2018

BRAULIO TELES DE MENEZES NETO

VIDEORREPORTAGEM: “BELA”, A SANTA CRUZ DO POVO MARUINENSE

Projeto de pesquisa teórico-prático apresentado à Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora:

Profa. Me. Juliana Almeida (Orientadora)

Dedico este trabalho aos meus pais Elenilza e Renato, ao meu irmão Renato Júnior (in memoriam) e ao povo Maruinense, como uma singela colaboração na divulgação de sua cultura.

RESUMO

O presente trabalho teórico-prático tem como objetivo apresentar uma videoreportagem sobre a influência dos festejos da Cruz de Bela no aspecto religioso e cultural da cidade de Maruim – SE, datados, anualmente, entre o período de 15 a 17 de novembro. Através da revisão bibliográfica dos principais autores: Daniel Piza (2009), Guilherme Jorge de Rezende (2000), Luiz Beltrão (2014), Eduardo Bittencourt (2014) e Maria Lúcia Marques Cruz e Silva (1994), utilizando-se do método qualitativo da pesquisa, busca-se a compreensão de noções básicas sobre o jornalismo e suas nuances; o jornalismo cultural e a folkcomunicação, telejornalismo e videoreportagem, como forma de inserir o objeto de estudo que, por sua vez, é apresentado ao leitor da maneira como é visto e se comporta em sociedade, por meio da subjetividade do senso comum. Como resultado, obteve-se para apreciação uma videoreportagem, intitulada “Bela, a santa cruz do povo Maruinense”, com duração de 12 minutos. Conclui-se que o objeto estudado, bem como o produto prático extraído deste, deixa uma significativa contribuição para a cultura do Estado, no que se refere a divulgação da tradição, crenças religiosas e costumes dos munícipes da cidade de Maruim.

Palavras-chave: Jornalismo, Jornalismo Cultural, Folkcomunicação, Telejornalismo, Videoreportagem.

ABSTRACT

The present theoretical-practical work aims to present a videorporation on the influence of the celebrations of the Cross of Bela in the religious and cultural aspect of the city of Maruim – SE, dated, annually, between the period of 15 to 17 November. Through the bibliographic review of the main authors: Daniel Piza (2009), Guilherme Jorge de Rezende (2000), Luiz Beltrão (2014), Eduardo Bittencourt (2014) and Maria Lúcia Marques Cruz e Silva (1994), using the qualitative method the research seeks to understand basic notions about journalism and its nuances; cultural journalism and folkcommunication, telejournalism and videorporation, as a way of inserting the object of study that, in turn, is presented to the reader in the way it is seen and behaves in society, through the subjectivity of common sense. As a result, a videorecord, titled "Bela, the holy cross of the Maruinese people" was obtained for 12 minutes. It is concluded that the studied object, as well as the practical product extracted from it, leaves a significant contribution to the culture of the State, in what concerns the dissemination of tradition, religious beliefs and customs of the citizens of the city of Maruim.

Keywords: Journalism, Cultural Journalism, Folk-communication, Telejournalism, Video-editing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
Capítulo 1: Jornalismo e sua aplicação na TV.....	13
1.1 Jornalismo.....	13
1.2 Jornalismo em TV.....	15
1.2.1 Telejornalismo no Brasil – Um breve histórico.....	16
1.3 Videoreportagem.....	22
1.4 Alguns termos técnicos utilizados no Jornalismo.....	23
Capítulo 2: Jornalismo Cultural e Folkcomunicação	25
2.1 Jornalismo cultural.....	25
2.2 Folkcomunicação.....	27
Capítulo 3: Religião e Cultura: A Santa Cruz de Bela.....	33
3.1 Religião e Cultura.....	33
3.2 Maruim: breve histórico.....	34
3.3 Festejos da Santa Cruz de Bela.....	36
Considerações finais	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS E/OU APÊNDICES	43
Apêndice A – Roteiro de videoreportagem.....	44
Apêndice B – Pré-projeto de pesquisa.....	48
Anexo A – Autorizações de uso de imagem.....	74

INTRODUÇÃO

De acordo com Piza (2009), o jornalismo cultural deve dar sua contribuição para aumentar as chances da introdução cultural em suas notícias e reportagens. Estas, por sua vez, por mais que sigam determinados padrões da execução da profissão jornalística, devem fazer com que haja uma reflexão na sociedade, quanto a formação do seu senso crítico e sua opinião sem grandes interferências em ideologias de qualquer cunho.

Piza (2009) considera ainda que o jornalismo cultural supostamente tem uma vertente que consiste na divulgação de valores, crenças e símbolos culturais de uma sociedade, a qual não deve restringir-se somente a produtos oriundos de imposições mercadológicas. Esta vertente impacta diretamente no conhecimento e na formação de valores de um cidadão.

Com base no que foi colocado acima, apresenta-se como objeto de estudo deste trabalho de conclusão de curso, os festejos alusivos à Santa Cruz de Bela, realizados todos os anos no período de 15 a 17 de novembro na cidade de Maruim, interior do Estado de Sergipe.

A Santa Cruz de Bela faz parte do calendário cultural do município de Maruim - SE devido ao valor simbólico atribuído a história da santa, perpetuado entre os populares do século XIX até os dias atuais. Sua inusitada história motiva a inquietação de como uma garota de nove anos de idade, assassinada acidentalmente ao entardecer por um policial ao ir comprar querosene, se tornou um símbolo de devoção e fé para munícipes locais e pessoas de outras cidades.

Entre os produtos culturais divulgados na imprensa Sergipana, a história da Santa Cruz de Bela é muito pouco lembrada e muito menos citada, o que leva o desconhecimento da tradição popular de um âmbito municipal para um cenário mais amplo. A situação também ocasiona a retenção do conhecimento sobre a história somente ao local de sua origem.

Partindo disso, surge a necessidade estudar e os festejos da Santa Cruz de Bela, para divulgar e enaltecer entre os meios de comunicação não só a trajetória de uma garota comum que tornou-se santa, mas também a cultura e a tradição do povo Maruinense.

Além disso, procura-se entender através deste trabalho, o contexto histórico e cultural no qual a menina Bela foi atribuída, contando com a identificação dos registros de legitimidade da história contada por populares. Além disso, compreender as causas pelas quais a tradição dos festejos se mantém até os dias de hoje, para que ao final seja possível a criação de uma videoreportagem a partir dos dados analisados.

O presente trabalho teve como objetivo principal a documentação em videoreportagem do tradicional festejo em alusão à Santa Cruz de Bela, o qual acontece anualmente no dia 15 de novembro, na cidade de Maruim – SE, visando a relevância do período para os munícipes da cidade e os devotos da Santa Cruz de Bela.

À priori, fez-se necessário realizar uma pesquisa bibliográfica com a literatura de autores que ornaram com todas as temáticas abordadas neste trabalho. Sendo que, a abordagem desta pesquisa faz uso predominante do método qualitativo, pois procura entender por meio da subjetividade, como o objeto estudado se comporta em sociedade, diante das opiniões do senso comum. No caso, a santa “Cruz de Bela”.

Devido à complexidade que envolve o objeto de estudo escolhido para este pré-projeto, justifica-se a escolha pelo método qualitativo, pois é por meio dele que se dá a compreensão ampla ao leitor sobre o tema, a partir dos conceitos e autores elencados para a fundamentação teórica. A pesquisa só envolve o método quantitativo em estatísticas de alguns elementos abordados no desenvolvimento da fundamentação teórica, como mero caráter complementar e informacional ao tema discutido em questão.

Rodrigues (2011) emprega o conceito de pesquisa qualitativa, pelo qual pode-se provar que o presente estudo carrega este método em sua abordagem: “É utilizada para investigar um determinado problema de pesquisa, cujos procedimentos estatísticos não podem alcançar devido à complexidade do problema”. (Rodrigues, 2011. p.55)

Entre os objetivos específicos deste trabalho de conclusão de curso, esteve a apresentação da garota “Bela” nos contextos históricos e culturais, pelos quais teve a sua história perpetuada até hoje. Além disso, houve a necessidade de identificar registros de legitimidade, perante tudo o que é dito pelos populares em relação a menina “Bela”. Os autores Cruz e Silva (1994) e Silva (2014)

ajudaram, com suas literaturas, no entendimento da história, que tem a fé como principal fator para a sua crença.

Além disso, houve o levantamento de autores que trabalhassem diretamente com os subtemas desenvolvidos nesta pesquisa, que configuram-se como jornalismo, jornalismo cultural, folkcomunicação, telejornalismo, videoreportagem, religião, cultura e festividades religiosas. Todos estes tópicos foram necessários para introduzir o objeto principal deste estudo.

Paralelamente ao desenvolvimento da fundamentação teórica, o roteiro da videoreportagem foi idealizado com a sensibilidade de abordar, em 12 minutos, a história da santa Cruz de Bela e também a sua festa. Era necessário ter uma ampla compreensão de quem foi Bela, o porque de sua história ter se tornado um dos símbolos culturais da cidade de Maruim, demonstrar o quanto a devoção ainda faz-se presente entre munícipes e de qual maneira é realizado, anualmente, os festejos alusivos a santa Cruz de Bela.

As filmagens para a composição da videoreportagem começaram no dia 15 de novembro de 2017, dia em que foi realizada a missa que abria a festividade no município. Através de uma câmera semiprofissional, foram feitas imagens tanto da capela da Cruz de Bela como da missa, que precisou ser realizada do lado de fora pela grande quantidade de pessoas que compareceram a solenidade.

No dia 18 de novembro (sábado), foi dada continuação as filmagens. Desta vez, registrou-se toda a festa da Santa Cruz de Bela, que acontecia durante o final de semana (nos dias 18 e 19). Comumente, a festa só é realizada de 15 a 17 de novembro quando o dia 15 cai em uma sexta-feira. Porém, independente do dia, a missa relativa aos festejos sempre é realizada no dia 15 de novembro. Nesta etapa foram registradas diversas imagens: da movimentação do parque de diversões, dos ambulantes vendendo alimentos, iguarias e objetos, dos artistas que subiram ao palco para fazerem os shows da noite, dentre outras coisas.

Estas imagens, futuramente, serviriam para complementar todo o material que precisaria ser produzido com o auxílio da equipe de reportagem da Universidade Tiradentes. A equipe viajou para o município na tarde do dia 12 de abril, com orientação do discente para produzir imagens de passagens e depoimentos de entrevistados que iriam compor a videoreportagem, previamente idealizadas no roteiro (APÊNDICE A) a este trabalho. Todo o material foi armazenado ao chegar no

núcleo de edição de imagens da Universidade. Porém, no dia marcado para realização da edição, foi alegado que todas as imagens tinham sumido da máquina onde foram armazenadas.

A coordenação do curso de Jornalismo da Universidade Tiradentes ofereceu a proposta de refazer todo o material perdido, em uma outra data que fosse de acordo com as duas partes. A proposta foi aceita, sob o alerta do discente de que mesmo assim, toda a subjetividade e a profundidade dos depoimentos cedidos poderiam estar comprometidas, o que possivelmente prejudicaria o desempenho da videorreportagem. Estabelecendo-se assim, um fator a ser levado em consideração na avaliação de todo o produto confeccionado.

Na tarde do dia 24 de abril, uma nova equipe de filmagens da Universidade Tiradentes dirigiu-se novamente ao município de Maruim, com o discente. Neste dia, foram refeitas as passagens estabelecidas no roteiro, bem como, as entrevistas com todos os indivíduos envolvidos anteriormente no enredo.

Os principais personagens a serem entrevistados foram, por ordem de importância: o atual prefeito da cidade de Maruim, Jeferson Santos de Santana; o historiador, Carlos Rabelo; a zeladora da capela da santa Cruz de Bela, Eugênia; a colaboradora da capela, Romilda Matos; As munições mãe e filha: Eloina Dantas e Elaine Dantas. Estes personagens trouxeram a abordagem da videorreportagem a noção suficiente para o espectador compreender a história da santa cruz de bela e os seus festejos. Neste mesmo dia foram colhidas as autorizações de imagem de cada um deles, as quais estão devidamente anexadas (ANEXO A) neste trabalho.

Posteriormente, foram feitas as gravações em estúdio dos offs que seriam utilizados para compor a videorreportagem. Todo o material foi separado, incluindo as imagens feitas em novembro de 2017, animações e trilhas sonoras postas em pen-drive e levadas ao profissional encarregado da edição do produto deste trabalho. Foi entregue também o roteiro, para que fosse marcado uma data na qual o material pudesse ser editado.

No dia 07 de maio, o discente e o editor uniram-se para dar início das edições da videorreportagem. Sob orientação do discente, o editor recortou todos os depoimentos, inseriu as passagens gravadas perante a escolha do aluno e debateram sobre a melhor forma de desempenhar o produto. Neste mesmo dia, uma boneca da videorreportagem foi finalizada para uma análise da professora-orientadora, sendo aprovada para a finalização.

O primeiro capítulo deste trabalho aborda, de maneira breve, conceitos sobre o Jornalismo e sua introdução no meio televisivo, especificamente, no Brasil. Também serão introduzidas algumas noções sobre videoreportagem, meio escolhido pelo formando para apresentar o seu objeto de estudo. No mais, o capítulo trará alguns termos técnicos que são utilizados no meio telejornalístico.

Já no segundo capítulo, aborda-se conceitos gerais sobre o Jornalismo Cultural, que teve como um de seus precursores, o autor Daniel Piza. Nesta parte do trabalho, faz-se necessário também adquirir noções básicas sobre a Folkcomunicação, teoria desenvolvida por Luiz Beltrão na década de 60 que, até hoje, é considerada como uma revolução nos estudos comunicacionais do país.

No terceiro capítulo, são contempladas algumas reflexões sobre religião e cultura, que de certa forma, estabelecem uma ligação com o objeto estudado neste trabalho. Além disso, o município de Maruim é contextualizado antes da introdução do objeto: O festejo da Santa Cruz de Bela. Nesta parte, a partir da literatura de Eduardo Bittencourt, é apresentada a história da Santa Cruz de Bela. Nas considerações finais, será abordada a conclusão do presente trabalho, desenvolvido como forma de obtenção de grau em bacharelado em Jornalismo.

Os autores utilizados neste trabalho serão Piza (2009), Ballerini (2015), Caversan (2009) e Beltrão (2014), que ajudarão na compreensão das definições e nuances que permeiam o Jornalismo, o Jornalismo Cultural e a Folkcomunicação; Yorke (2007), Vilela (2007) e Rezende (2000), que explanam sobre Videoreportagem; Oliveira (2009) que traz a compreensão sociológica sobre religião e cultura; Aguiar (2004), autor que explana sobre dados históricos da cidade de Maruim; Rosa (1999), Silva (2014) e Cruz e Silva (1994), que trazem em suas obras registros históricos sobre a Santa Cruz de Bela.

Capítulo 1: Jornalismo e sua aplicação na TV

Este capítulo aborda conceitos gerais sobre o Jornalismo, bem como o seu desenvolvimento na televisão, através de nuances abordadas sobre o telejornalismo e o seu desenvolvimento, videoreportagem e jargões que são utilizados no meio.

1.1 Jornalismo

O jornalismo é um serviço que traz como sua principal função o ato de informar aos seus leitores sobre os mais variados temas e acontecimentos. Secundariamente, pode tornar-se uma fonte de entretenimento para as pessoas, porém o seu principal objetivo é de transformar informações factuais de interesse público em notícia, de maneira clara e concisa para as pessoas.

Além disso, entende-se a contribuição que o jornalismo deixa para a análise de acontecimentos, que deve acontecer de forma totalmente subjetiva pela parte dos leitores. O intuito de informar solidifica-se no esclarecimento, o que não tange a indução de uma formação de opiniões voltadas a fatos nem tão pouco a manifestação de opiniões que sejam do autor da informação. O que pode ser compreendido por Caversan (2009) ao dizer que “jornalista adora falar mal de quase tudo, inclusive daquilo que faz, talvez num prolongamento do senso crítico indispensável ao papel que exerce na sociedade”. (CAVERSAN, 2009. p.1)

Diante dos acontecimentos que regem a sociedade, o jornalismo tenta descrever de maneira objetiva um recorte da realidade, sob visão do profissional da área. Devido a isso, as notícias podem não configurar-se como um reflexo fiel do que acontece, pois perpassam por alguns fatores que acabam por estabelecerem critérios de seleção.

Esses fatores variam entre a formação de valores culturais do profissional de jornalismo, preconceito, a linha editorial do local de trabalho do jornalista, a visão do editor do texto, entre outros. Algo que pressupõe-se quando Caversan (2009) tenta definir o conceito de redação:

A organização da redação tal e qual a conhecemos hoje foi sendo formatada ao longo das primeiras décadas do século XX, quando a divisão das edições por temas ou assuntos determinou a organização interna dos jornalistas em grupos, atuando sob uma chefia. Ou seja, havia o chefe da economia, que comandava repórteres e redatores dedicados aos assuntos econômicos, o chefe da política, de esportes, de arte e cultura, etc. (CAVERSAN, 2009. p.11)

A objetividade neste caso, onde se estabelece tais divisões, determina ao ato de informar que é possível a produção de notícias de maneira isenta aos condicionalismos que lhe são sujeitos. Assim, o jornalismo implica em dois grandes fundamentos. De um lado, a atualidade com aquilo que acontece e do outro lado a sociedade, como fonte de razões para atribuir valores aos acontecimentos e para avaliar a qualidade das ações humanas que são noticiadas. Como reflete Caversan (2009): “O ser humano moderno, assim como seus antepassados, não vive sem contar e ouvir histórias, porque é na identificação com aquilo que é narrado que se estabelecem os limites e contornos de sua existência em sociedade”. (CAVERSAN, 2009. p.4)

Em sociedade, a atualidade se configura como aquilo que acontece. Para o jornalismo, é aquilo que de importante acontece. As coisas que são importantes podem transformar a realidade e interferir na vida das pessoas. Quanto maior for o potencial disto, maior é a importância que esses fatos podem ter. A sociedade pode ser entendida neste processo como uma dinâmica de vida, acentuada em princípios e valores que são resultantes de um processo histórico de acordos e conflitos. Como exemplo, pode ser entendido o papel da mulher na sociedade.

Hoje em dia, a mulher deve estar em pé de igualdade rigoroso com o homem no que tangem os seus direitos. Quando há um acontecimento que contrarie isso e ofenda a dignidade da mulher, usamos da própria fonte de critérios estabelecidos em sociedade para valores e leis que são utilizadas para julgar fatos e acontecimentos. Assim, a sociedade configura-se como fonte das razões éticas para que seja possível atribuir valor ao que acontece. No jornalismo, a ética nada mais é do que o compromisso com os valores estabelecidos pela sociedade, pois são através deles que ela se manifesta.

Com a ética, a notícia nasce dos mecanismos da atualidade, das ações realizadas por sujeitos sociais que geram conteúdos, de acontecimentos e pautas noticiáveis. Por trás de qualquer notícia, há um sujeito social interessado. Quando estes sujeitos realizam algum tipo de ação ou fazem com que determinado acontecimento vire notícia, o que se desloca é o discurso contido na ação, e não o acontecimento em si. Portanto, a notícia é sempre a socialização de um discurso.

O jornalismo na construção da notícia captura falas, fatos e discursos utilizando o instrumental ético que a sociedade já possui organizado. Desta forma, oferece uma ação própria, que também é discursiva. É algo que tem a grande virtude do poder de ser acreditado, além de ser marcado pela exigência da precisão. Como reflete Caversan (2009) ao conceituar o exercício da profissão:

O jornalista é um especialista em generalidades, deve representar a média do conhecimento do leitor, colocar-se em seu lugar para aferir e reunir dados que satisfaçam quem lê, podendo e, em alguns casos, devendo fazer indagações básicas que um leitor leigo faria, mesmo que isso possa parecer banal. (CAVERSAN, 2009. p.46)

Não existe jornalismo onde não há veracidade. A linguagem jornalística só existe como um bem social quando colocada a serviço do que é verdadeiro. Assim, é cumprida a função de instrumento socializador de conteúdos e de interesse para a sociedade que o jornalismo possui.

1.2 Jornalismo em TV

A prática do jornalismo na televisão é chamada de Telejornalismo. Com o advento das tecnologias que possibilitaram a criação de um aparelho, que traz a promessa de levar ao conforto dos lares, imagens reais dos mais variados acontecimentos, foi possível a instituição de uma nova modalidade ao jornalismo tradicional, mais fácil de se obter e entender notícias.

No Brasil, atualmente, o telejornalismo configura-se como um dos meios de difusão de informações que mais possuem audiência do público pela presença da imagem, que aproxima a realidade dos acontecimentos. Como expressa Rezende (2000) ao referir-se a imagem:

“A linguagem jornalística na televisão tem um traço específico que a distingue: a imagem. A força da mensagem icônica é tão grande que, para muitas pessoas, o que a tela mostra é o que acontece, é a realidade. Por isso, a TV ocupa um status tão elevado, o que faz com que os telespectadores, especialmente os poucos dotados de

senso crítico, lhe dêem crédito total, considerando-a incapaz de mentir para milhões de pessoas”. (REZENDE, 2000. p.76)

São milhões de pessoas que, diariamente, contribuem para os índices de audiência do jornalismo na televisão aumente significativamente. Este processo começou com a chegada do aparelho televisor no Brasil e perdura por décadas. Então, para entendermos o telejornalismo, é necessário rememorar a sua trajetória que será lembrada a seguir.

1.2.1 Telejornalismo no Brasil – Um breve histórico

O telejornalismo brasileiro surgiu na década de 1950, um ano depois da chegada da televisão ao Brasil. O jornalista Assis Chateaubriand foi o grande responsável por trazer a nova tecnologia dos aparelhos televisores ao país, além de fundar a primeira emissora de TV, a extinta TV Tupi.

Nela, foi veiculado o primeiro telejornal brasileiro denominado “Imagens do Dia”, que retratava somente imagens brutas dos principais acontecimentos que tinham tornado-se pauta do dia. Uma curiosidade era que não havia cortes, então o telejornal possuía uma longa duração.

No ano de 1952, nesta mesma emissora, surgiu o “Repórter Esso”, programa radiofônico de grande sucesso que foi adaptado para ser veiculado na televisão. Uma curiosidade era que os programas de TV seguiam um padrão radiofônico com a reprodução das notícias. Algo que, com o tempo, estimulou a importância do âncora nas transmissões, que se configurava como a imagem do noticiário. Rezende (2000) comenta sobre o surgimento do noticiário:

O telejornal mais importante da TV brasileira da década de 1950, no entanto, só iria surgir pouco depois, em 1952, na TV Tupi do Rio, comandado pelo seu único apresentador, Gontijo Theodoro, e, no ano seguinte, no horário nobre da noite. Seu conteúdo abrangia o noticiário nacional e internacional veiculado inclusive por meio de filmes”. (REZENDE, 2000. p.106)

O primeiro grande nome jornalístico responsável por marcar a apresentação do “Repórter Esso” na TV foi Gontijo Theodoro. O jornalista assumiu o programa por cerca de 18 anos, deixando uma contribuição significativa para o jornalismo brasileiro ao noticiar diversos fatos históricos, durante seus 18 anos de trabalho na emissora. Durante esse tempo, a credibilidade do programa jornalístico possibilitou uma confiança e fidelidade ímpar de seus expectadores. Na apresentação marcante pela voz de Gontijo, não havia emissão de opiniões ou juízo de valores, sendo a notícia passada em sua forma pura, de forma totalmente informativa.

Paralelamente ao sucesso, emissoras de TV sofriam com a falta de recursos em relação às suas produções. Devido ao alto custo das novas tecnologias relacionadas com a técnica e da obtenção dos aparelhos de TV, o rádio até então conseguia ser o primeiro veículo de comunicação que possuía o imediatismo nas notícias. Rezende (2000) comenta sobre a precariedade do trabalho jornalístico na TV da época e a dificuldade de acesso por parte da população ao novo jeito de se obter informação:

Os telejornais eram produzidos precariamente e careciam de um nível mínimo de qualidade. As falhas se originavam tanto das grandes deficiências técnicas quanto da inexperiência dos primeiros profissionais, a maioria procedente das emissoras de rádio. A repercussão dessas falhas na comunidade, no entanto, era muito pequena, pelo limitadíssimo número de pessoas que tinha acesso às imagens de TV. Possuir um televisor, naqueles tempos, simbolizava “regalia” e *status*, medido pelo número de televisinhos, cada vez mais crescente à medida que o hábito de ver televisão se espalhava. (REZENDE, 2000. p.106)

A medida que este hábito se espalhava, no início da década de 60 (ano da chegada do videoteipe ao Brasil), o jornalismo televisivo passou por um processo de mudanças, no qual a criatividade e o dinamismo prevaleceram e deram forma aos novos formatos de se fazer notícia para a TV. A exemplo do Jornal de Vanguarda, da TV Excelsior. No noticiário, o jornalista, além de apresentador, atuava como produtor e também como cronista, oportunidade na qual emitia-se comentários, algo então inédito para a época. Rezende (2000) reforça a importância que o Jornal de Vanguarda teve para a prática do telejornalismo brasileiro:

A qualidade jornalística deste noticiário causou um impacto enorme pela originalidade de sua estrutura e forma de apresentação distinta de todos os demais

informativos. O Jornal de Vanguarda, além do prestígio no Brasil, obteve reconhecimento no exterior. Recebeu, na Espanha, em 1963, o prêmio Ondas, como o melhor telejornal do mundo e foi utilizado por McLuhan – um dos teóricos da comunicação de maior projeção – em suas aulas sobre comunicação. (REZENDE, 2000. p.107)

O Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, foi um grande marco da melhoria tecnológica do jornalismo de TV, consolidado até os dias atuais. Devido aos grandes investimentos tecnológicos na área da comunicação durante a ditadura militar, o noticiário entregava suas notícias com um formato baseado em modelos norte-americanos de produção. Criado por Armando Nogueira, sua primeira exibição foi no fim da década de 60. O noticiário exibia imagens em cores e reportagens mais elaboradas e dinâmicas, nas quais a figura do entrevistado se fazia presente.

Na década de 70, em 31 de dezembro de 1970, o “Repórter Esso” deu fim as suas transmissões. Depois de 20 anos, o noticiário saturou e deu lugar ao avassalador sucesso do Jornal Nacional, com apenas um ano de sua primeira exibição. Rezende (2000) reflete sobre o fim de um programa que marcou época para a televisão brasileira.

A glória de um e a derrocada de outro. Enquanto o *Jornal Nacional* imediatamente passava a comandar a audiência entre os telejornais do horário nobre, o *Repórter Esso*, o porta-voz da multinacional norte-americana revendedora de combustíveis, dava seus últimos suspiros, no último dia de 1970. O seu desaparecimento representava o fim de um modelo dominante no telejornalismo do Brasil durante muitos anos, que se tornou célebre pelos *slogans* “O primeiro a dar as últimas” e “testemunha ocular da história”, entoados por outro símbolo do programa, o apresentador Gontijo Theodoro. (REZENDE, 2000. p.111)

Ainda na mesma década, segundo Rezende (2000), a TV Bandeirantes trouxe um formato inusitado de noticiar fatos e acontecimentos. Os cantores sertanejos Tônico e Tinoco comandavam o programa “Os Titulares da Notícia”, levando informação e entretenimento ao público com a atuação inusitada da dupla. Porém, as informações que ambos noticiavam eram referentes somente ao interior do Estado de São Paulo.

Mais tarde, “Os Titulares da Notícia” sofreu alterações em sua dinâmica de exibição, o que trouxe um bom retorno em audiência para a TV Bandeirantes. Para Rezende (2000), a reformulação

consistiu em “dar também vez ao depoimento popular e valorizar o trabalho do repórter, atribuindo-lhe, independentemente dos requisitos de aparência e voz bonita, a tarefa de divulgar as notícias”. (REZENDE, 2000. p.112)

Outro marco da televisão brasileira dos anos 70 é a criação do “*Fantástico – O show da vida*” um programa que vinha com a promessa de mesclar informação com entretenimento, voltado para os principais acontecimentos da semana. A atração dominical estreou em 1973, sob o comando de Bonifácio de Oliveira e Borjalo. Na mesma década e emissora, estreou o “Globo Repórter”, um programa em formato documental que retratava diversos assuntos, com mais profundidade. Algo que não era possível fazer em um telejornal.

Assim como o “*Jornal Nacional*”, tais programas jornalísticos seguiam uma rigorosa linha de produção de conteúdo, entregando um produto nos padrões Rede Globo de televisão, inicialmente inspirados pelo padrão norte-americano. O padrão Globo virou uma referência para as demais emissoras da época. Rezende (2000) comenta sobre a contribuição que a Globo teve para o telejornalismo:

Não foi a Globo que criou o telejornalismo, mas foi ela que eliminou o improviso, impôs uma duração rígida no noticiário, copidescou não só o texto como a entonação e o visual dos locutores, montou um cenário adequado, deu ritmo à notícia, articulando com excelente “timing” texto e imagem (pode ser que você não se lembre, mas com a Globo começamos a assistir a esta coisa quase impossível: os programas entrarem no ar na hora certa). (REZENDE, 2000. p.113:114)

A programação da emissora era estrategicamente pensada, fator que contribuiu para a consolidação de sua audiência. O seu principal jornal, o *Jornal Nacional*, era compactado entre duas telenovelas, o que ocasionava a apreensão da atenção do público, que usava das três atrações como fonte de informação e entretenimento. Com isso, a configuração da programação (grade) “ganhou edições em horários para todos os tipos de público: manhã, tarde, noite ou a qualquer momento durante a programação”, como reflete Regina Vilela (2007). Regina ainda comenta sobre a ascensão dos jornalistas da época e a consolidação do telejornalismo:

Apresentadores de telejornais ficaram mais conhecidos e populares, assim como os repórteres mais talentosos firmaram suas identidades no vídeo. E sem dúvida, a consolidação do telejornalismo faz com que algumas notícias causem ainda e por longo tempo, maior impacto na opinião pública. (VILELA, 2007. p.23)

Na década de 80, produções como “Abertura”, programa jornalístico produzido pela TV Tupi um ano antes da sua falência, que discutia política com participantes exilados do país pelo militarismo bem como “Canal Livre”, produção jornalística da Rede Bandeirantes que tinha como objetivo retratar a política, trazendo semanalmente um convidado para discutir sobre o tema, fizeram parte da história do telejornalismo brasileiro ao ousar, na tentativa de introduzir na massa um assunto até então delicado para a época, visto que ainda saíam de um rigoroso regime militar, ditatorial e rigoroso, principalmente em relação a censura da época.

Segundo Villela (2007) nesta época, “o processo de redemocratização do país deflagrado a partir do fim do regime de exceção retirou os censores das redações e o jornalismo respirou novos ares de liberdade de expressão”, o que deu uma maior autonomia aos profissionais da área para criar programas, nos quais, assuntos mais polêmicos poderiam ser discutidos. (VILELA, 2008. p.22:23)

Ainda nos anos 80, surgiu duas emissoras de televisão: TV Manchete e o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Ambas tentavam trazer uma nova aplicabilidade ao jornalismo na TV, tentando emplacar com as produções e a audiência da Rede Globo de Televisão que, naquela época, era dominante entre todas as outras emissoras. A Manchete trazia o telejornal “Jornal da Manchete” com duas horas de duração, seguindo modelos europeus e norte-americanos, veiculando notícias que agradavam todas as classes sociais. A produção chegou a alcançar oito pontos de audiência no IBOPE, acabando por impedir a Globo de liderar a audiência televisiva como um todo.

O Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), administrada pelo comunicador e empresário Silvio Santos, passou por entraves no início de sua criação, pela dificuldade de conseguir patrocinadores. Os seus telejornais, por não terem audiência, foram retirados da grade.

Anos depois, após uma reformulação que passou desde a contratação de novos profissionais consagrados como Boris Casoy, até a aquisição de uma equipagem mais moderna, a emissora reformulou os seus programas jornalísticos e conseguiu ganhar certa fidelidade de audiência com o

público. O “Telejornal Brasil”, que trazia Boris Casoy como âncora, foi uma das produções que obtiveram destaque para a emissora na época.

Uma outra produção do SBT marcou a introdução de um estilo pitoresco de fazer telejornalismo. O “Aqui Agora”, lançado já na década de 90, fazia a introdução do jornalismo popular em sua produção. O programa jornalístico alcançou a marca de 20 pontos no IBOPE com apenas um ano de veiculação, abordando notícias e assuntos polêmicos, principalmente a violência. A exploração de teor apelativo das imagens e a mobilidade diferenciada da câmera (repórter atuando como cinegrafista e narrando os acontecimentos ao mesmo tempo) estabeleceu-se como um marco, pois trazia emoção, tensão e ritmo ao telespectador.

Nos anos 90 até os dias atuais, com o surgimento e o advento da Internet, os noticiários e programas de teor jornalístico precisaram convergir para um novo estilo de produção de conteúdo. Se antes a TV perdia para o rádio no quesito da instantaneidade, agora o meio de comunicação televisivo disputa a sua sobrevivência tendo que aliar-se ao mundo virtual. Para Yorke (2007), a Internet configura-se como o principal meio informacional da atualidade:

“O crescente valor e o profundo impacto socioeconômico da Internet estabeleceram-na como a principal ferramenta de informação do nosso tempo. Ainda assim, os jornalistas de televisão, pelo menos até o ano de 2000, viam-na apenas como mais uma ferramenta de informação e não como um meio em si. Somente com a fusão de mídias, o mercado percebeu que a Internet dominaria a informação e a comunicação doméstica e comercial”. (YORKE, 2007. p.253)

Na Internet, a facilidade para de obter informações a torna cada vez mais usual. Diversas páginas da web veiculam os mais variados tipos de notícia, que podem ser escolhidas conforme os critérios dos internautas. Agora, acontece o contrário da TV. O usuário define o que quer ver, quando quer ver e onde quer ver. O que estabelece um grande desafio para os profissionais que atuam no jornalismo de TV, principalmente no planejamento de seu conteúdo – sendo o principal deles, a videorreportagem.

1.3 Videoreportagem

A videoreportagem é um instrumento do jornalismo que leva informações à sociedade, por meio de recursos tecnológicos que capturam imagem, áudio e vídeo sobre determinados fatos. Assim, estabelece um conjunto de informações, em sua maioria, visuais, que passam por um processo de edição e ao final, oferecem um produto jornalístico que aproxima o fato da realidade.

O sujeito da videoreportagem é o repórter. O profissional carrega uma responsabilidade maior sobre as pautas que lida no dia a dia, devido a grande correria que as redações de TV enfrentam para revisar o material colhido, editar e colocar ao ar em tempo hábil. O que pode ser reforçado por Yorke (2007) ao dizer que “não importa a de que forma o dicionário defina a função do jornalista, a percepção do papel do repórter pelo público é a de que ele é quem faz a matéria”. (YORKE, 2007. p.130)

Mas, para o repórter fazer a matéria, é necessário que uma equipe de reportagem, composta por profissionais que lidam com vídeo e áudio, seja a sua principal aliada. O trabalho em conjunto realizado por estes profissionais deve estar em perfeita harmonia, pois aumenta a possibilidade de entrega de um material que realmente seja consistente e próximo dos acontecimentos reais da narrativa.

Geralmente, não existe a possibilidade do repórter voltar ao local onde passaram-se os fatos devido ao tempo curto, então a escolha dos personagens e cenários que irão compor a “trama” precisa ser certa e óbvia, bem como a idealização da reportagem como um todo. Em algumas empresas, segundo Yorke (2007), a atuação do repórter torna-se “limitada, com a obrigação de cumprir pautas diárias determinadas pela equipe da redação, pelos pauteiros, sendo o produto final, sobre o qual ele não tem controle, formatado por editores de imagens, redatores e produção”. (YORKE, 2007. p.130)

Os editores de imagens carregam a responsabilidade de organizar o conteúdo que irá ser veiculado. Tal organização pode ser definida como edição, que consiste na seleção e definição de informações sonoras e visuais como produto da reportagem.

A edição implica no trabalho editor, como reflete Regina Vilela (2008) ao afirmar que o profissional “deve ser qualitativo na escolha das imagens e das sonoras”. De fato, a atenção do editor deve ser redobrada na seleção do conteúdo produzido pelo repórter e sua equipe, pois, carrega a responsabilidade sob a forma da videorreportagem. Nesta etapa, o diálogo entre todos os profissionais envolvidos é necessário, pois estabelece um maior entendimento sobre o que foi idealizado para a construção da narrativa. (VILELA, 2008. p.208)

1.4 Alguns termos técnicos utilizados no Telejornalismo

O “espelho” é a organização do telejornal. Nele são definidas todas as ordens das matérias, que geralmente são organizadas em “blocos”. A seleção de matérias para os blocos passam por critérios, que estabelecem quais possuem maior ou menor peso. As de maior peso precisam ser veiculadas nos primeiros blocos, restando as de peso menor para o penúltimo ou último bloco.

O termo “passagem” refere-se a participação do repórter na matéria. O profissional coleta a “sonora”, que nada mais é do que o depoimento do entrevistado. Quando a matéria precisa veicular uma informação que não foi dita pelo entrevistado durante o coletamento da sonora, o repórter grava um “*off*” como complemento, para que todas as informações sejam veiculadas. Para Vilela (2008), o *off* “compõe a maior parte da matéria de TV, integrando informações textuais aos elementos visuais e sonoros”. (VILELA, 2008. p.24)

O “*stand-up*” consiste na prática fora das bancadas. É quando a criatividade do repórter precisa ser aflorada e perspicaz para lidar com textos no improviso, pois, diferentemente do estúdio, o repórter estará em lugares onde não há a presença do TP. Vilela (2008) diz que o *stand-up* “é um recurso que garante a notícia na TV, mesmo sem imagens do fato. É uma forma de mostrar que a TV pode ser tão rápida como o rádio”. (VILELA, 2008. p.38)

O “TP” (*teleprompter*) é um aparelho que exibe todo o texto que o apresentador do telejornal usará durante a sua exibição. Logo no começo, o profissional dá a “escalada” para o público telespectador, que configura-se como um resumo dos principais acontecimentos daquele dia.

Ao longo do telejornal, o repórter pode fazer uma entrada ao vivo direto da rua, é o que chama-se de “*link*” ou “*flash*”. Geralmente, essas entradas são feitas quando o fato acontece simultaneamente a exibição do telejornal, ou quando não houve tempo de elaborar o “VT” (*videotape*) que configura-se como o produto de toda reportagem.

Quanto aos efeitos visuais, são aplicados termos como “*fade in*”, que transiciona a imagem do escuro pro claro, ou “*fade off*”, que direciona a imagem do claro para o escuro. A “fusão” é quando uma imagem desaparece e surge simultaneamente uma nova imagem sobreposta a esta. Quanto a movimentação do vídeo, os termos aplicados são o “*slow*” para a câmera lenta e “*spide*” para a câmera acelerada. As matérias ainda podem contar com “artes”, como gráficos, que servem para ilustrar fatos.

Quanto as notas, existem três tipos. A “nota coberta” é dada quando não há a presença de “*off*” na reportagem, o que obriga ao apresentador elaborar uma nota sobre os fatos que estão sendo veiculados através de imagens na tela, simultaneamente a sua fala. Na “nota seca”, a presença de imagens ou artes é inexistente, sendo o texto dito pelo apresentador, tendo a sua imagem utilizada. Já a “nota-pé” são informações adicionais que são colocadas em caráter complementar às reportagens do telejornal.

Capítulo 2: Jornalismo Cultural e Folkcomunicação

Neste capítulo são abordados conceitos que cercam as atribuições do jornalismo cultural, bem como, abordará a teoria da folkcomunicação e suas nuances, estudadas por Luiz Beltrão na década de 60 e utilizadas até hoje como referência na área comunicacional.

2.1 Jornalismo Cultural

O jornalismo cultural é um dos segmentos que tem tido o maior crescimento nos últimos anos. Voltado para noticiar a produção artística, entretenimento e a cultura em suas manifestações mais diversas, a categoria vem ganhando proporções, com o advento da internet a facilidade da produção e divulgação de informações.

Piza (2009) propõe que o jornalismo cultural moderno passa por crises frequentes na sua identidade, principalmente no período do século XX quando, segundo Ballerini (2015) tornou-se “menos opinativo, mais focado em reportagens e notícias, com uma clara divisão de gêneros jornalísticos e enfoque maior no entretenimento de consumo de bens culturais”. (BALLERINI, 2015. p.34)

Piza (2009) rege o debate do papel jornalístico em face desta realidade e diz que a história do jornalismo cultural é dependente dos processos de evolução ocorridos ao longo do século, referentes ao rádio, cinema, TV e a revista, sendo a última fundamental “incluindo na categoria os tabloides literários semanais ou quinzenais”. (PIZA, 2009. p.19)

A revista também acompanha a evolução de todos estes componentes na criação e ampliação de uma indústria cultural, que segundo Piza (2009) “converteu o setor de entretenimento num dos mais ativos e promissores da economia global” e vem “se tornando mais segmentada e variada, deixando até menos órfãos aqueles que prezam obras duradouras”. (PIZA, 2009. p.44)

A história do jornalismo cultural tem suas origens em 1711, com a inserção da cultura na revista inglesa *The Spectator*. O periódico tinha em seu conteúdo a avaliação da arte, valor e ideia. Como tenta explicar Piza (2009) ao dizer que:

A revista falava de tudo – livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política – num tom de conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível, apostando num fraseado charmoso e irônico (...) que podia tratar dos novos hábitos vistos numa casa de café, como temas em discussão e roupas na moda, ou então criticar o culto às óperas italianas e o casamento em idade precoce. (PIZA, 2009. p.12)

Porém, perante os fatos colocados no discurso de Piza, só no final do século XIX o jornalismo cultural veio parar no Brasil. Um grande nome deste início foi o crítico de teatro e literatura Machado de Assis. A partir de então, foram surgindo muitos críticos literários e revistas que hoje são referências na história do jornalismo cultural. Dentre as revistas brasileiras, destacam-se três nomes importantes. A revista *Klaxxon*, *O Cruzeiro* e a revista *Diretrizes*. Sendo destas, as duas últimas mais notórias perante o jornalismo cultural.

O Cruzeiro configura-se como uma publicação moderna que nenhuma história do jornalismo cultural poderia deixar de citá-la. A revista chegou em seu auge quando, no número especial sobre a morte de Getúlio Vargas, sua tiragem chegou a setecentos mil cópias vendidas. Daniel Piza (2009) comenta sobre a revista e aponta os fatores pelos quais *O Cruzeiro* rendeu sucesso em sua época:

A revista marcou época, lançou o conceito de reportagem investigativa e deu enormes contribuições à cultura brasileira ao publicar contos de José Lins do Rego e Marques Rabelo, artigos de Vinícius de Moraes e Manuel Bandeira, ilustrações de Anita Malfatti e Di Cavalcanti, colunas de José Cândido de Carvalho e Rachel de Queiroz, além do humor de Péricles (*O Amigo da Onça*) e Vão Gogo (vulgo Millôr Fernandes. Nos anos 30 e 40, a revista seria a mais importante do Brasil por sua capacidade de falar a todos os tipos de público. (PIZA, 2009. p.33)

Já a revista *Diretrizes* destacou-se por relacionar o jornalismo cultural brasileiro com a reportagem literária, na época dos anos 40. A revista foi dirigida por Samuel Wainer, trazendo em suas publicações, crônicas de Joel Silveira, grande jornalista e escritor brasileiro. Joel, dentre suas jogadas de sucesso, tentava descrever o comportamento da elite paulistana em suas criações.

Daniel Piza coloca a representação da crônica na história do jornalismo cultural brasileiro ao elucidar que o gosto nacional pelas crônicas trouxe a literatura para o jornalismo. Tal literatura era praticada por jornalistas e escritores, os quais Piza (2009) tenta enumerar:

De Machado de Assis a Carlos Heitor Cony, passando por João do Rio, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Ivan Lessa e outros, a crônica sempre teve espaço fixo nas seções culturais de jornais e revistas brasileiras e, portanto, é uma modalidade inegável do jornalismo cultural brasileiro. (PIZA, 2009. p.33)

Sendo uma modalidade do jornalismo cultural do Brasil, estes grandes nomes contribuíram em suma para a consolidação dos jornais e das revistas, desde as primeiras épocas de suas primeiras circulações até os dias atuais.

2.2 Folkcomunicação

A folkcomunicação é o estudo dos processos de comunicação dentro das manifestações populares, que podem acontecer através de música, dança, desenhos, da fé e da religião. São instrumentos que podem ser orais, gestuais ou manifestados através de imagens. É uma comunicação originária entre as minorias, configurando-se como a expressão cultural das classes populares. Ou seja, os mecanismos que a população utiliza para expressar-se publicamente.

A teoria da folkcomunicação foi desenvolvida e introduzida no Brasil por Luiz Beltrão, que passa a tratar a comunicação a nível popular através de seus estudos, relacionando-a com a comunicação transmitida pelos meios midiáticos. O estudo foi a primeira tese na área de comunicação social defendida no Brasil, originando-se a partir de seu trabalho com o jornalismo.

Em 1960, atuando na imprensa recifense como repórter, Beltrão cobriu muitas vezes acontecimentos recorrentes em favelas e periferias. Observando personagens que faziam parte da cultura popular, desenvolvia reportagens sistematizadas para o jornal intitulado como “Diário de Pernambuco”. Tal interesse pelo popular acabou gerando o desenvolvimento de uma tese de

doutorado, a qual o jornalista defendeu em 1960, na universidade de Brasília. O estudo acabou tornando-se um marco referencial para os estudos na área da comunicação brasileira.

Na Folkcomunicação, há a percepção de que entre, a recepção dos conteúdos dos meios comunicacionais de massa e a população em geral, existe um campo de mediações. Nesta concepção, desenvolveu-se a teoria de Luiz Beltrão, percebendo-se que em tais mediações entre a recepção dos conteúdos e os produtores da cultura popular, havia uma série de interferências, recomposições e construções de novos sentidos dadas pelo comunicador, tendo o seu conceito definido por Beltrão (2014) quando fala:

O comunicador é uma instituição ou uma pessoa institucionalizada, que transmite a sua mensagem, não para alguém em particular, mas para quantos lhe desejam prestar atenção. Embora estabelecida através de uma distância de tempo, espaço ou espaço-tempo, entre as partes e, aparentemente, unilateral, desde que, em regra, é feita através de um meio técnico construído de tal forma que somente o comunicador *fala*, constitui um diálogo, tanto como a comunicação pessoal. (BELTRÃO, 2014. p.48)

Porém, os meios técnicos construídos pela mídia de massa nem sempre fazem a informação chegar puramente em comunidades mais isoladas. Ela vem mediada por uma série de agentes, que interferem nos acontecimentos reais e os retrabalham, traduzindo-os em termos de uma linguagem que possa ser compreendida pelas minorias. Ou seja, uma linguagem popular que se vincula a grupos e segmentos na sociedade rural ou urbana, que não vivencia de maneira plena, o que entendemos por comunicação de massa nos dias atuais. Como Beltrão (2014) reforça, quando diz:

Para a sociedade de massa, exige-se a comunicação macica e coletiva que, utilizando diferentes instrumentos e técnicas, fornece mensagens de acordo com a identidade de valores dos grupos e, dando curso a diferentes pontos de vista, fomenta os interesses comuns, ora desintegrando, ora criando solidariedades sociais. (BELTRÃO, 2014. p.48)

Dentre os instrumentos e técnicas que a folkcomunicação utiliza, estão, como objetos de estudo, o folclore e as manifestações culturais de classes urbanas e rurais. A ênfase é dada ao

processo comunicacional que os personagens se apropriam para divulgar suas manifestações, e não a manifestação popular em si. A teoria estuda onde e como as minorias se revelam.

É importante ressaltar que a folkcomunicação não é folclore. Folclore estabelece um conceito de comunicação popular muito mais amplo, enquanto a folkcomunicação carrega exclusivamente manifestações relativas às comunicações ocorrentes no folclore, bem como na relação destas manifestações tradicionais com os meios comunicacionais de massa.

Para que seja possível o entendimento dos conceitos de folkcomunicação, pode-se utilizar como exemplo, a série televisiva “Sítio do Picapau Amarelo”, que teve sua última versão produzida e exibida pela Rede Globo de televisão entre os anos de 2001 e 2007. Inspirada na obra de Monteiro Lobato, a narrativa da série, que aborda de maneira lúdica, elementos da cultura popular brasileira e do folclore através de seus personagens, como o Saci e o Curupira, foi construída de modo a tornar-se um produto midiático, com elementos de conhecimento popular universal.

Neste caso, em especial, tal produto foi idealizado para ser veiculado em meio televisivo, apropriando-se de estratégias que podem ser conferidas na teoria de Luiz Beltrão, utilizada e reconfigurada pela imprensa até os dias atuais na divulgação de seus produtos. Ainda pode-se perceber, na produção midiática em geral, diversas referências a elementos que fazem parte da comunicação do folclore e da cultura popular, como contos, mitos, lendas, crenças e personagens construídos neste meio.

Para o jornalismo, o conhecimento da teoria da folkcomunicação é fundamental, quando o profissional lida com histórias e questões que são diretamente ligadas ao resgate de memórias ou fatos de cunho popular. Luiz Beltrão (2014) enfatiza que a comunicação jornalística está ligada aos processos que permeiam o seu desenvolvimento, quando diz:

O processo de atualização, reinterpretação e readaptação dos modos de pensar e agir dessa massa surda às mensagens da imprensa, do rádio, da TV e do cinema, haveria, igualmente, de identificar-se com o processo jornalístico, produzindo efeito mediante métodos e técnicas semelhantes. (BELTRÃO, 2014. p.66:67)

Na desenvoltura destas técnicas e a medida que o profissional compreende que, manifestações culturais de determinadas regiões podem ajudar em sua produção jornalística, estudos e coberturas, ele conseguirá expressar isso de uma melhor forma para o público. Beltrão

(2014) confere cinco situações do comportamento coletivo que devem ser levadas em conta na construção de um discurso:

A personalidade dos grupos organizados aos quais se dirige e de que presume conhecer a maneira de ser e agir como unidades de liderança da comunidade; a situação socioeconômica e cultural da comunidade como um todo, tendo em conta fatores éticos, condições ecológicas, índice de desenvolvimento, nível educacional, princípios filosóficos motrizes; as diretrizes políticas e a influência das elites dirigentes sobre o todo, considerando o papel relevante das lideranças políticas e os reflexos do seu pensamento e da sua atividade na consciência e na ação coletiva; e o quadro psicológico da atualidade universal, pois a nossa comunidade não vive isolada, mas é parte do mundo físico e da humanidade inteira, nela repercutindo e alterando as reações tudo quanto afeta o globo terrestre (a natureza) e a sociedade internacional (a espécie humana. (BELTRÃO, 2014. p.50, grifo do autor)

O avanço tecnológico ressignificou a cultura popular. As transformações nos meios de comunicação e tecnologia possibilitaram, ao longo do tempo, uma nova roupagem para as maneiras de se divulgar a cultura, principalmente a forma como os seus produtores transmitem os seus costumes e tradições. Nisso, a folkcomunicação torna-se um fator mediador, entre a cultura popular e a contemporaneidade.

Na população, há segmentos que acreditam na religiosidade, crença e devoção em santos ou figuras relacionadas à fé. A folkcomunicação entra nesse sentido com a contribuição de descobrir estes fenômenos e trazê-los à tona, para que sejam conhecidos e utilizados tanto por jornalistas como participantes da sociedade moderna. Beltrão (2014) reflete sobre a importância do dever jornalístico para o processo cultural:

Está na comunicação jornalística, na informação dos fatos correntes e no apanhado exato da opinião pública, expressa nos veículos de transmissão de ideias e sentimentos coletivos, o instrumento de que precisamos para assumirmos, consente e coerentemente, a posição que nos cabe no concerto internacional. Não podemos, portanto, continuar a ignorar o pensamento de metade da população brasileira, se quisermos efetivamente corresponder à expectativa da cultura e da civilização de nosso tempo. (BELTRÃO, 2014. p.238)

Dentro da sociedade moderna, se estabelece a indústria dos milagres, que consiste em empresas com interesses mercadológicos sobre a fé, crença e a religião como um todo. Há quem

pense que a folkcomunicação está ligada a tais interesses, porém, ela é meramente uma manifestação espontânea. Beltrão (2014) conceitua um dos produtos originários da fé e da devoção da religião que acaba inserindo-se na indústria dos milagres, o ex-voto:

O ex-voto é fabricado em madeira, cerâmica, pano, cera, papel, fitas, linhas, cordões, papelão, cartolina, chifre, gesso, pedra-sabão, coco e outros materiais, inclusive plásticos. [...] Abrange, inclusive, aqueles objetos votivos fabricados em série: braços, pernas, cabeças, corações, figados, torsos. E os zoomorfos, representando miniaturas de bois, cavalos, jumentos, porcos, carneiros, galinhas. [...] Como nem todos os miraculosos ou devedores de graças são hábeis no manejo do cinzel, do canivete ou dos pincéis e tintas, surgem industriais de “milagres” nas proximidades dos santuários de maior procura, tanto nos centros urbanos como nas localidades rurais. (BELTRÃO, 2014. p.232)

O que acontece, de fato, é a capitalização desses interesses mercadológicos que envolvem processos originários da fé popular, como: ex-votos, procissões, acender de velas, carregar de cruzes, festividades, dentre outros; expressões populares que foram industrializadas, convertidas e vendidas como produtos. A folkcomunicação ocorre independente do processo de industrialização de seus elementos.

Algo interessante a ser observado no presente trabalho é a definição dada ao objeto de estudo: A nomenclatura “Cruz de Bela”, dada a uma possível santa pelos munícipes de Maruim – SE, traz a constatação que Luiz Beltrão (2014) aborda em sua teoria sobre os cruzeiros ou santas-cruzes: “Desastres, homicídios, suicídios são marcados, nas estradas brasileiras, com cruzes de madeira tosca, mais tarde substituídas por peças de pedra e cal e, em certos casos, até mesmo por pequenas capelas”. (BELTRÃO, 2014. p. 233)

A história que cerca a santa Cruz de Bela é marcada por um desastre, no qual, um tiro dado acidentalmente em uma menina com cerca de 9 anos de idade, comoveu a cidade por inteiro. No local de sua morte, foi erguida uma cruz. Naquele mesmo local, indivíduos faziam círculos de orações para a menina “Bela”, onde logo depois foi erguida uma capela em sua homenagem, tomando-se da crença de que a santa “Cruz de Bela” intercedia por milagres. O nome estabeleceu-se como santa “Cruz de Bela” por até hoje, a única imagem presente na memória perpetuada pelos

populares, ser de uma cruz erguida em homenagem a garota. Beltrão (2014) emite suas opiniões sobre festividades, no geral:

As classes populares têm, assim, meios próprios de expressão e somente através deles é que podem entender e fazer-se entender. [...] É através desses veículos e agentes que as camadas populares organizam uma consciência comum, preservam experiências, encontram educação, recreio e estímulo dão expensão aos seus pendores artísticos e, afinal, fazem presentes à sociedade oficial as suas aspirações e as suas expectativas. (BELTRÃO, 2014. p.112)

Especificamente, as festividades são manifestações intimamente ligadas a cultura popular e contêm em sua essência, uma grande quantidade de significações e vínculos ligados a comunicação. Significações e vínculos que expressam criatividade, organização, lazer e devoção emanados nos costumes culturais de um povo.

Capítulo 3: Religião e Cultura – A Santa Cruz de Bela

Neste capítulo são elencados conceitos sobre religião e cultura, bem como algumas informações sobre o município de Maruim, que fazem-se necessárias para o entendimento do objeto estudado neste trabalho, o qual, será introduzido logo após os itens citados.

3.1 Religião e Cultura

A religião e a cultura popular, além de estarem atreladas uma a outra, são muito ricas e diversificadas. As festas populares derivadas das crenças religiosas são importantes e frequentes, ocorrendo ao longo de quase todo o ano. Além de se configurar como um momento para o lazer, as festas trazem consigo a ocasião para o pagamento de promessas, o que contribui para o desenvolvimento de laços de solidariedade no meio popular.

Nestes momentos, surge a oportunidade de expressar a capacidade de organização, a criatividade e sobretudo a devoção sob as crenças religiosas dos indivíduos. Porém, antes de elencar conceitos referentes a festas populares, faz-se necessário compreender o que é a religião, bem como a cultura.

A religião, segundo Oliveira (2009) “envolve a crença em poderes sobrenaturais ou misteriosos” (OLIVEIRA, 2009. p.210) e está intimamente ligada a um sentimento de respeito, temor e veneração. Tais sentimentos expressam-se em atitudes que podem ser públicas ou não, mas que lidam diretamente em relação a um ser superior.

A forma pela qual se expressa a religião pode variar de acordo com a construção social na qual está inserida. Algo que muda de acordo com o modo peculiar de cada pessoa, grupo ou época. Como exemplo, alguns preferem condensar suas práticas religiosas ao participar de rituais, ou se vestirem de acordo com os princípios pelos quais a religião é regida em sociedade.

Oliveira (2009) diz que a influência da religião independe de uma que se sobressaia entre todas que já existem: “Católica, evangélica, islâmica, ortodoxa, hebraica, umbandista, etc. -

continua sendo uma das principais instituições a influenciar o comportamento humano em todas as sociedades do mundo contemporâneo”. (OLIVEIRA, 2009. p.210).

O conceito de cultura para Oliveira (2009) estabelece um “conjunto de crenças, regras, tradições, ensinamentos e costumes produzidos e transmitidos no interior de uma sociedade” (OLIVEIRA, 2009. p.181) onde a religião está inserida como uma forma não-material de cultura. Ou seja, abrange somente os aspectos morais e intelectuais do indivíduo.

A identidade de um povo se manifesta através do contexto cultural no qual está inserido, o que implica o sentido das crenças. Se é necessário crer em algo, também faz-se necessário a compreensão sobre no que deve-se depositar a crença. Geralmente, as crenças são derivadas de referenciais perpetuados ao longo do tempo pela sociedade, que toma como base a crença em uma divindade ou ser superior.

A relação entre cultura e religião está atrelada intimamente ao processo histórico em que o ser humano, desenvolve o pensamento religioso devido a questionamentos sobre acontecimentos, os quais não possuem explicação através de algo concreto e lógico. Partindo deste pressuposto, se estabelece um sentido sobrenatural e único para estes acontecimentos, para de que alguma forma possam ser inseridos dentro do cotidiano em sociedade.

Segundo Dias (1996), as festividades religiosas podem “implicar numa atitude latrêutica ou de adoração, eucarística ou de ação de graças, e estas festas, naturalmente, são de alegria e louvor” (DIAS, 1996. p.13). Geralmente, estas festividades configuram-se como momentos de devoção e fé, dois fatores que se unem em torno de um determinado objetivo, como por exemplo, a comemoração do aniversário de um santo (a).

3.2 Maruim: breve histórico

Maruim é uma cidade do leste sergipano localizada a 30 km de distância da capital. Sua área é de 95,3 km e possui uma altitude de 30,0 metros. Possui o tipo climático quente úmido, sendo o seu período chuvoso entre os meses de março e agosto, podendo alcançar a temperatura anual de 25° C. Sua vegetação contempla Mata Atlântica, Capoeira, Manguezais e Caatinga.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE¹ (2010), seus aspectos demográficos contemplam 16.343 habitantes em seu território, sendo destes 8.332 mulheres e 8.011 homens. Sua população estimada para 2017 é de 16.343 habitantes. A densidade demográfica do município é de 174,29 habitantes por km² em 2010. Já o índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM da cidade é de 0,618. (IBGE, 2010).

Para Rosa (1999) a economia do município é regida pela agricultura, pecuária e a pesca. Na agricultura, os principais recursos configuram-se como a cana-de-açúcar, a cana, a laranja e a mandioca. Na pecuária, a criação de galináceos, bovinos e equinos. Na pesca, o principal fator de subsistência são peixes, mariscos e crustáceos.

Quanto aos aspectos históricos, Maruim estava situada no alto das margens do rio “Ganhamoroba”, fator que levou ao vasto desenvolvimento da cidade por estar localizada em local de embarque e desembarque para o comércio e lavoura. Desta forma, tornou-se o principal ponto por onde passava grandes quantidades de açúcar, além de permitir o desenvolvimento de uma das principais casas de comércio da província.

Rosa (1999) diz que Maruim foi elevada a vila de Santo Amaro de Maruim em 19 de fevereiro de 1835, levando a extinção da Vila de Santo Amaro das Brotas. Só em 5 de maio de 1854, através da lei n.374, Maruim foi elevada a categoria de cidade devido a sua grande potencialidade na indústria açucareira. Porém, mesmo sendo uma cidade promissora a ser a capital do Estado de Sergipe, decadeu-se devido ao desenvolvimento industrial e comercial da nova cidade que na época foi planejada: Aracaju.

Segundo Aguiar (2004), os historiadores atribuem a José Pinto de Carvalho e a sua mulher Ana Aguiar Pinto, o grande progresso no surgimento da cidade de Maruim. Outros nomes destacam-se entre as figuras ilustres do município, como o Barão de Maruim – João Gomes de Melo, o poeta Cleômenes Campos, Deodato Maia e Alberto Deodato, sendo esses dois últimos escritores e políticos. Além deles, o professor Oséas Santos, filho da terra que destacou-se no campo das artes plásticas.

¹ Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/2WIFB>> Acesso em: 12 nov 2017.

3.3 Festejos da Santa Cruz de Bela

Em Sergipe, na cidade de Maruim, todos os anos é comemorado no período de 17 a 19 de novembro, o tradicional festejo em alusão à Santa Cruz de Bela. Desde o final do século XIX, Bela tornou-se a protagonista de uma celebração que foi perpetuada por mais de duzentos anos devido a sua história comovente e inusitada.

Segundo Silva (2014), para a crença popular, Bela foi uma garota de nove anos de idade que morava no bairro Arapiraca, no município de Maruim. Morava com sua mãe que a criou com muito amor, num lugar onde não existia energia.

Certo dia, a mãe de Bela pediu para que ela fosse comprar querosene, afim de que fosse possível acender o candieiro que iluminava suas noites. A tarde já estava caindo quando Bela atravessou a BR 101, em direção a entrada da cidade de Maruim. Seguindo, adentrou na antiga rua do Açougue onde hoje está localizada a travessa Quintiliano da Fonseca. Era ali que ficava a bodega onde costumava comprar querosene todos os dias.

Na rua, localizava-se a antiga Guarnição da cidade onde, neste dia, um soldado limpava a sua arma. Acidentalmente, o soldado disparou um tiro que acabou atingindo a garota Bela. Como revela Silva (2014) através de versos: “O soldado lá estava com o seu fuzil na mão. Limpando a sua arma com bastante atenção. Mas a arma disparou e depois caiu no chão. Quando Bela ali passou a bala lhe acertou”. (SILVA, 2014. p.41).

Após a morte de Bela, houve uma comoção ímpar dos munícipes de Maruim pois, não acreditavam que uma garota tão espirituosa, bonita e cheia de vida fosse morrer daquela forma, uma verdadeira tragédia. A notícia da morte de Bela espalhou-se e deixou a cidade em luto.

Dias depois do ocorrido, foi colocado uma cruz no exato lugar onde Bela faleceu, no antigo trapiche da cidade. As pessoas comovidas com a sua morte, depositavam ali flores e orações em sua homenagem. A partir disso, sua memória foi sendo cultuada. A menina morreu, porém em memória foi ressuscitada.

Com o passar do tempo, o que era comoção foi tornando-se devoção. Muitas pessoas passaram a relacionar a figura da menina Bela com a cruz que foi posta em sua homenagem. Junto a

flores e orações, começaram também a pedir a interseção da menina em milagres. Algo que segundo populares, parte do pressuposto da pureza e bondade de uma criança que teve a vida tão curta.

Entre os munícipes, há relatos não comprovados de milagres pela interseção da Santa Cruz de Bela. Para Silva (2014), a história de Bela tomou proporções devido a força popular, a qual não teve participação da igreja na propagação da ideia de que necessariamente tornou-se uma santa que realiza milagres de seus pedintes.

Um morador da cidade de Maruim, chamado Neném Colcheta, foi o grande precursor da festa da Santa Cruz de Bela. Neném era leiloeiro, sendo que todos os anos passara a arrecadar prêmios para leiloar e destinar os valores obtidos para a instituição da festa em homenagem a Bela, bem como para a possível construção de sua capela.

A quermesse em homenagem a Bela tinha barracas de doces e salgados, onde eram comercializados bolos, doces de pimenta, arroz-doce, queijadas, sucos e maçã do amor, sendo este último um dos maiores consumidos durante a festa. Eram comidas que agradavam o paladar de crianças e adultos.

Além de iguarias típicas, a festa era conduzida por violeiros que tocavam suas músicas até o amanhecer. Diante dos músicos, formavam-se rodas de amigos que jogavam conversa fora e relembavam memórias enquanto contemplavam o som e todo o agito que a solenidade ocasionava. As crianças eram contempladas com um pequeno parquinho, que contava com um barco e um carrossel que promoviam a euforia entre elas.

Após alguns anos de celebração da festa em homenagem a Cruz de Bela, Pedro Dantas, na época prefeito da cidade de Maruim, viabilizou a construção da capela da menina Bela com a doação de um terreno, próximo ao trapiche onde ela tinha falecido. Foi algo que reforçou mais ainda a crença do povo, que passou a levar ex-votos até o altar da capela acreditando que obteriam a cura desejada. Como representa Silva (2014) através de seus versos: “Os devotos lá levavam ex-votos para celebrar. Acreditavam que Bela a eles curariam. Os ex-votos representavam uma cabeça ou uma mão, ou um pé que ela curou com sua interseção”. (SILVA, 2014. p.50).

A igreja católica passou a estar presente na festa, porém não legitimou a história e nem oficializou a menina Bela como santa. Devido a isso, a festa em sua alusão não está presente no calendário litúrgico. Alguns padres aceitavam pedidos de batizado na capela e até a reza de missas em seu interior, porém não é algo unânime entre todos os párocos que a cidade teve.

Com o passar do tempo, a prefeitura passou a investir na organização dos festejos da Santa Cruz de Bela. A festa foi transferida para o bairro Boa Hora onde permanece, nos dias atuais, materializada como um dos símbolos da cultura local de Maruim. Até hoje, devotos de toda a região aparecem no mês de novembro, para agradecer os milagres concedidos por Bela e a sua Santa Cruz, especificamente na data em que é celebrada a solenidade festiva. Em seus escritos, Silva (2014) a possibilidade da história de Bela ser, na verdade, uma lenda contada e perpetuada por populares:

Bela atravessou o tempo. Na memória, continuou. Porque para Maruim, ela se configurou. Em símbolo de devoção, Bela já se consagrou. Porque o homem não deve nunca desconsiderar a força do improvável. Não podemos desprezar se mito, lenda ou verdade. Quem somos nós para julgar? [...] Se Bela um dia existiu, eu não quero aqui provar. Só sei que ela existe na religiosidade popular. E para quem acredita, ela sempre existirá. (SILVA, 2014. p.55:56),

Pode-se cruzar os versos acima com as informações adquiridas através de uma pesquisa feita pela historiadora Maria Lúcia Marques Cruz e Silva, filha da cidade de Maruim – SE. Lúcia Marques levantou pistas sobre possíveis parentes da menina Bela, realizando uma consulta entre alguns munícipes, dos quais podemos destacar Maria Pastora Santos, conhecida como Dona Pastorinha. Maria Pastora revelou, através de seu depoimento, que a mãe de bela chamava-se Sá Maninha.

Mais uma evidência descoberta. Dona Joanhina Siqueira, de 100 anos de idade, deu a pista de que um dos possíveis sobrinhos de Bela morava em Aracaju, se chamava Wilson Figueiredo e era filho de “Caçula”. Após uma pesquisa no catálogo de endereços telefônicos, Maria Lúcia Marques obteve o número de telefone do então último parente vivo de Bela. Segue um trecho do depoimento de Wilson recolhido por Cruz e Silva (1994): “Tio Otávio era o mais velho. Depois veio tia Bela e por último Emília (Caçula), minha mãe. Quando eu era pequeno, falavam da morte de bela”. (CRUZ E SILVA, 1994. p. 78).

Segundo Cruz e Silva (1994) a partir da certidão de nascimento de Wilson Figueiredo, foi constatada a informação de que o nome da avó de Bela era Ana Guilhermina. Paralelamente, foi feita uma pesquisa no Arquivo do Judiciário, em Aracaju, na seção de corpo e delito. Como base, foi utilizado o depoimento de Wilson, porém nenhuma outra informação a mais foi obtida, como por exemplo a respeito dos restos mortais dos familiares e principalmente, da garota Bela.

Uma nota publicada pelo jornal maruinense *O Comércio* revela que o falecimento de Bela ocorreu antes do ano de 1917. A nota faz-se presente na pesquisa elaborada por Cruz e Silva (1994): “O nicho de Sta. Cruz de Bela que é próximo ao quartel policial, amanheceu na 4º feira com um vidro quebrado e todo remexido [...] Maruim, 14 de janeiro de 1917. Jornal O Comércio – nº 33 – pág.2.” (CRUZ E SILVA, 1994. p. 79).

Considerando que a pesquisa foi publicada no Inventário Cultural da Cidade de Maruim, há 23 anos, não há nenhum outro registro que forneça informações concretas sobre a existência de Bela. Cruz e Silva (1994) traz uma investigação superficial para a sua pesquisa, elencando somente, possíveis parentes da garota.

Porém, há em mente de uma boa parte da população maruinense, o desconhecimento da origem de Bela, restando somente a reprodução de uma crença que foi perpetuada. Algo que continua trazendo inquietações e incertezas sobre a veracidade da história contada pelo popular.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi de criar uma videoreportagem sobre o tradicional festejo em alusão à Santa Cruz de Bela, o qual acontece anualmente entre os dias 15 e 17 de novembro, na cidade de Maruim – SE, visando a relevância do período para os munícipes da cidade e os devotos da Santa Cruz de Bela, bem como, a necessidade de divulgação desta tradição popular entre os meios de comunicação.

Estabeleceu-se quatro objetivos específicos, os quais, foram devidamente contemplados com a realização da pesquisa e o desempenho da parte prática: ou seja, a videoreportagem. O primeiro objetivo consistia em apresentar “Bela” no contexto histórico e cultural no qual foi atribuída. Algo que foi contemplado na teoria, embasada na literatura “Maruim + Bela” de Luiz Eduardo Bittencourt, bem como na videoreportagem, na explanação dada pelo historiador Carlos Rabelo.

O segundo objetivo tinha como tarefa a identificação de registros de legitimidade da história da Santa Cruz de Bela, que, baseando-se na obra “Inventário Cultural da cidade de Maruim”, de autoria da pesquisadora Maria Lúcia Marques Cruz e Silva, constatou-se a incerteza da legitimidade sobre a existência da menina Bela, a qual ainda não possui nenhum material que comprovasse de fato o seu nascimento, o que pode causar inquietações para indivíduos que não possuem um certo tipo de fé ou crença na história contada pelo dito popular.

Como terceiro objetivo desta pesquisa, deu-se a necessidade de entender as causas pelas quais a tradição dos festejos se mantém até os dias de hoje. Pode-se constatar, perante entrevista do prefeito da cidade de Maruim, Jeferson Santana, que um dos principais motivos que fazem-no manter a festa em sua gestão é a economia do município, que neste período, cresce significativamente em relação ao fluxo de pessoas e de consumo.

Para a elaboração da videoreportagem, o quarto objetivo consistia em utilizar as técnicas do telejornalismo em sua produção. O que, obviamente, foi contemplado na elaboração do roteiro, na idealização das passagens bem como das imagens de apoio e os seus ângulos, as quais, foram confeccionadas desde novembro de 2017, mês dos festejos comemorativos a Santa Cruz de Bela.

Além disso, foram abordados por meio desta pesquisa, conceitos que permeiam o jornalismo e suas vertentes, as quais possuem uma relação estreita com o tema em que está inserida, o jornalismo cultural.

Conclui-se que através deste produto gerado por meio de uma videoreportagem, recurso oriundo do ofício do Jornalismo, foram deixadas significativas contribuições: para o Estado de Sergipe, por trazer a tona os costumes e tradições, muitas vezes, desconhecidas, de um povo que zela com esmero do seu berço cultural; para o município de Maruim, pelo enaltecimento entre os meios de comunicação da história de uma garota que pela fé popular, tornou-se um dos principais símbolos culturais da cidade e por último, mas não menos importante, para o final da trajetória acadêmica do discente (por conseguir efetuar, na prática, todo o conhecimento adquirido na academia) bem como o início de sua trajetória profissional, marcada pelo crescimento e amadurecimento pessoal adquiridos ao longo do curso de Jornalismo.

Referências

- AGUIAR, Joel. **Traços da História de Maroim**. 2. ed. Edição comemorativa dos 150 anos de Maroim. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe. Gráfica Editora J. Andrade, 2004.
- BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo cultural no século 21: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática**. - São Paulo: Summus, 2015.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- CHAVERSAN, Luiz. **Introdução ao jornalismo diário: como fazer jornal todos os dias**. Volume 1 - São Paulo: Saraiva, 2009.
- CRUZ E SILVA, Maria Lúcia Marques. **Inventário Cultural de Maroim**. Edição comemorativa aos 140 anos de Emancipação Política da cidade. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994.
- DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho. **Do Sábado ao Domingo**. Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1996.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA – IBGE**. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/2WIFB>> Acesso em: 12 nov 2017.
- OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à sociologia** – São Paulo: Editora Ática S.A., 2009.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 3. ed., 2ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2009.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.
- RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia Científica**. 4.ed., rev.; ampl. - Aracaju: Unit, 2011.
- ROSA, Gilvan dos Santos. **Maroim, coisas que ouvi dizer...** 2. ed. rev. Aracaju: Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer, Sercore, 1999.
- SILVA, Luiz Eduardo Bittencourt da. **Maroim mais “Bela” (em versos)**. Aracaju: J. Andrade, 2014.
- VILLELA, Regina. **Profissão: Jornalista de TV – Telejornalismo Aplicado na Era Digital**. - Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2008.
- YORKE, Ivor. **Telejornalismo**. 4. ed. - São Paulo: Roca, 2007.

ANEXOS E/OU APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO DE VIDEORREPORTAGEM

ROTEIRO DA VÍDEORREPORTAGEM “BELA”, A SANTA CRUZ DO POVO MARUINENSE.

OFF + IMG DE APOIO: NO MUNICÍPIO DE MARUIM, LOCALIZADO A 30 KM DA CAPITAL SERGIPANA, ACONTECE DE 15 A 17 DE NOVEMBRO, O TRADICIONAL FESTEJO DA SANTA CRUZ DE BELA.

PASSAGEM: FÉ E DEVOÇÃO. SÃO PALAVRAS QUE TRADUZEM O SENTIMENTO DOS MARUINENSES, EM UM PERÍODO ESPECIAL E HISTÓRICO PARA A CIDADE.

OFF: DESDE O SÉCULO XIX, BELA TORNOU-SE A PROTAGONISTA DE UMA HISTÓRIA INUSITADA E COMOVENTE, PERPETUADA POR POPULARES ATÉ OS DIAS ATUAIS.

[SONORAS] ENTREVISTAR DE DOIS A TRÊS POPULARES E COLETAR SONORAS A RESPEITO DO CONHECIMENTO SOBRE A HISTÓRIA DA SANTA CRUZ DE BELA.

PERGUNTAS

- VOCÊ CONHECE A SANTA CRUZ DE BELA? PODE CONTAR UM POUCO DO QUE SABE SOBRE SUA HISTÓRIA?
- QUEM FOI QUE TE CONTOU ESSA HISTÓRIA?
- VOCÊ ACREDITA QUE A SANTA CRUZ DE BELA POSSA FAZER MILAGRES?

ORIENTAÇÃO: COM BASE NAS PERGUNTAS DA PRIMEIRA SONORA, CRUZAR AS RESTANTES, SOBREPONDO AS OPINIÕES DOS ENTREVISTADOS.

OFF + IMG DE APOIO: O DESTINO DE BELA FOI CRUEL. EM SUA RÁPIDA PASSAGEM DE VIDA, NÃO IMAGINOU QUE PODERIA DEIXAR UM LEGADO DE DEVOÇÃO E FÉ PARA O POVO DA CIDADE DE MARUIM E SOBRETUDO, SE TORNAR UM DOS PRINCIPAIS SÍMBOLOS DA CULTURA LOCAL. QUEM EXPLICA MELHOR COMO FOI QUE TUDO ISSO ACONTECEU É O HISTORIADOR CARLOS RABELO.

[SONORA] ENTREVISTADO: CARLOS RABELO

PERGUNTAS

- QUEM FOI A MENINA BELA E O QUE ACONTECEU, DE FATO, COM ELA?

- O QUE ESTIMULOU ESTE PROCESSO DE CRENÇA EM MILAGRES A PARTIR DESTA HISTÓRIA?
- PORQUE DEU-SE O NOME DE SANTA “CRUZ” DE BELA? QUAL O SIGNIFICADO QUE A CRUZ CARREGA EM SEU NOME?
- QUAL A IMPORTÂNCIA QUE BELA TRAZ AO CENÁRIO RELIGIOSO E CULTURAL DA CIDADE DE MARUIM?

OFF+ IMG DE APOIO: DONA EUGENIA É RESPONSÁVEL POR ADMINISTRAR A CAPELA DA SANTA CRUZ DE BELA. HÁ QUATRO ANOS, CARREGA A MISSÃO DE ZELAR DO ESPAÇO, ONDE SÃO REALIZADAS MISSAS E OUTRAS ATIVIDADES LITÚRGICAS.

PERGUNTAS PARA DONA EUGÊNIA

- QUANDO COMEÇOU A TOMAR CONTA DA CAPELA?
- COMO FUNCIONA A CAPELINHA? O QUE ACONTECE NELA?

OFF+ IMG DE APOIO: ROMILDA MATOS, MAIS CONHECIDA COMO DONA ROSA, POSSUI 74 ANOS DE IDADE. APOSENTADA, ROSA COLABORA COM DONA EUGENIA NA ORGANIZAÇÃO DA CAPELINHA DA SANTA CRUZ DE BELA, E RELATA SUAS IMPRESSÕES.

PERGUNTAS PARA DONA ROSA

- A SENHORA ACREDITA NA SANTA CRUZ DE BELA?
- TEM ALGUM MILAGRE INTERCEDIDO POR ELA?

PASSAGEM: MESMO NÃO SENDO RECONHECIDA COMO SANTA PELA IGREJA CATÓLICA, A SANTA CRUZ DE BELA OPERA MILAGRES NA VIDA DE QUEM CRÊ EM SUA HISTÓRIA E NO SEU PODER DE CURA. É O CASO DE DONA ELOÍNA DANTAS, MORADORA DA CIDADE DE MARUIM HÁ MAIS DE 80 ANOS. POSSUI 11 FILHOS, SENDO, UM DELES, ELAINE DANTAS, QUE AOS 3 ANOS DE IDADE, APRESENTOU UM GRAVE PROBLEMA DE SAÚDE. DONA ELOINA CONTA SOBRE ESTA HISTÓRIA DE FÉ.

[SONORA SIMULTÂNEA COM DUAS ENTREVISTADAS]

PERGUNTAS PARA ELOÍNA

- DONA ELOÍNA, O QUE ACONTECEU COM A SUA FILHA?
- PORQUE TEVE A IDÉIA DE PEDIR A SANTA CRUZ DE BELA QUE CURASSE A ELAINE?
- A SENHORA PODE FALAR UM POUCO DE COMO A ELAINE FOI CURADA, A PARTIR

DE SUA FÉ NA SANTA CRUZ DE BELA?

- E HOJE EM DIA, AINDA ACREDITA NA SANTA CRUZ DE BELA? OS SEUS OUTROS FILHOS OU NETOS TAMBÉM ACREDITAM NELA?

PERGUNTAS PARA ELAINE

- ELAINE, PROVAVELMENTE VOCÊ NÃO LEMBRA MUITO BEM DESSA HISTÓRIA QUE A SUA MÃE ACABOU DE CONTAR. MAS ISSO FEZ SUA CRENÇA NA SANTA CRUZ DE BELA AUMENTAR?

- HOJE, DEPOIS DE CONHECER A HISTÓRIA DE BELA, ACREDITA QUE FOI ELA QUEM REALMENTE LHE CUROU?

- VOCÊ COSTUMA IR A MISSA DA SANTA CRUZ DE BELA E A FESTA DELA, TODOS OS ANOS? PORQUE VAI?

- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NA FESTA?

[OFF + IMG DE APOIO] A FESTA DE SANTA CRUZ DE BELA É COMEMORADA DESDE O SÉCULO DEZENOVE. NA LITERATURA “MARUIM + BELA (ENTRE VERSOS)” DE LUIZ EDUARDO BITTENCOURT, CONSTA A HISTÓRIA DE UM LEILOEIRO CHAMADO NENÉM COLCHETA, QUE FOI O GRANDE PRECURSOR DOS FESTEJOS. NA ÉPOCA, NENÉM FOI RESPONSÁVEL POR ORGANIZAR UM LEILÃO, EM PROL DA CONSTRUÇÃO DA CAPELINHA DE SANTA CRUZ DE BELA. O DINHEIRO ARRECADADO TAMBÉM SERVIRIA PARA O QUE SERIA A SUA PRIMEIRA FESTINHA.

[OFF + IMG DE APOIO] A QUERMESSE EM HOMENAGEM A BELA TINHA DIVERSAS BARRACAS, ENTRE ELAS, AS DE DOCES E SALGADOS, QUE AGRADAVAM O PALADAR TANTO DE CRIANÇAS COMO DE ADULTOS. ERAM COMERCIALIZADAS VÁRIOS TIPOS DE IGUARIAS, COMO BATATA FRITA, CACHORRO-QUENTE E PASTÉIS. PORÉM, A MAIS POPULAR ERA E É A MAÇÃ DO AMOR. UMA REALIDADE DE ANTEPASSADOS, QUE NÃO MUDOU NOS DIAS ATUAIS.

[OFF + IMG DE APOIO] ALÉM DAS IGUARIAS, A FESTA ERA CONDUZIDA POR VIOLEIROS, QUE TOCAVAM SUAS MÚSICAS ATÉ O AMANHECER. DIANTE DOS MÚSICOS, FORMAVAM-SE RODAS DE AMIGOS, QUE JOGAVAM CONVERSA FORA E RELEMBRAVAM MEMÓRIAS, ENQUANTO CONTEMPLAVAM O SOM E TODO O AGITO QUE A FESTA PROPORCIONAVA.

[OFF + IMG DE APOIO] HOJE EM DIA, A FESTA DE CRUZ DE BELA CONTA COM MUITAS ATRAÇÕES MUSICAIS. AS BANDAS AGITAM MARUIM E AS CIDADES VIZINHAS. AS PESSOAS ESPERAM, ANCIOSAMENTE, O DIA DA CHEGADA DOS FESTEJOS PARA ESTREAREM ROUPAS, REUNIR OS AMIGOS E CURTIR O MOMENTO.

[OFF + IMG DE APOIO] ALGO QUE MEXE COM O IMAGINÁRIO DAS CRIANÇAS DESDE A PRIMEIRA FESTINHA DA CRUZ DE BELA É O PARQUINHO. ANTIGAMENTE, CONTAVA APENAS COM UM CARROSSEL E UM BARCO, QUE DEIXAVAM OS PEQUENOS VERDADEIRAMENTE EUFÓRICOS. HOJE, DURANTE OS TRÊS DIAS, UM PARQUE DE DIVERSÕES, COM OS MAIS VARIADOS BRINQUEDOS, FAZEM A ALEGRIA DA CRIANÇA.

[PASSAGEM] O ATUAL PREFEITO DA CIDADE DE MARUIM, JEFFERSON SANTANA, FALA SOBRE A IMPORTÂNCIA QUE A FESTA DA CRUZ DE BELA TRAZ AO MUNICÍPIO, SOBRETUDO, AO SEU VIÉS ECONÔMICO E CULTURAL.

PERGUNTAS

- O QUE LHE MOTIVA A REALIZAR A FESTA DE CRUZ DE BELA NO MUNICÍPIO?
- NO QUE A SOLENIDADE COLABORA COM A ECONOMIA E A CULTURA DE MARUIM?
- PODE FALAR UM POUCO SOBRE O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DA FESTA?
- EXISTEM PARCEIROS QUE COLABORAM PARA A REALIZAÇÃO DOS FESTEJOS ?

[FECHAMENTO OFF + IMG DE APOIO] A PAIXÃO PELA SANTA CRUZ DE BELA É QUASE UMA UNANIMIDADE ENTRE OS MARUINENSES. UMA TRADIÇÃO QUE AFIRMA AS RAÍZES CULTURAIS E RELIGIOSAS DA CIDADE, E QUE, SOBRETUDO, REVELA A IDENTIDADE DE UM POVO.

APÊNDICE B
PRÉ-PROJETO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE TIRADENTES

BRAULIO TELES DE MENEZES NETO

VIDEORREPORTAGEM: “BELA”, A SANTA CRUZ DO POVO MARUINENSE.

**Aracaju – SE
2017**

BRAULIO TELES DE MENEZES NETO

VIDEORREPORTAGEM: “BELA”, A SANTA CRUZ DO POVO MARUINENSE.

Pré-Projeto de Pesquisa apresentado à Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

ORIENTADOR
Profa. Dra. Andréa Karla Ferreira Nunes

Aracaju – SE
2017

SUMÁRIO

1.	TEMA.....	04
	1.1. Delimitação do Tema.....	04
	1.2. Problema.....	04
2.	INTRODUÇÃO.....	05
3.		
4.	OBJETIVOS DA PESQUISA.....	07
	4.1. Objetivo Geral	07
	4.2. Objetivos Específicos.....	07
5.	QUESTÕES NORTEADORAS.....	08
6.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	09
	5.1 Jornalismo.....	09
	5.2 Jornalismo Cultural.....	12
	5.3 Videoreportagem.....	14
	5.4 Religião, Cultura e Festas Populares.....	15
	5.5 Breve Histórico da Cidade de Maruim.....	17
	5.6 Festejos da Santa Cruz de Bela.....	18
7.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
8.	CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA	25
9.	REFERÊNCIAS.....	26

1 TEMA

Jornalismo Cultural

1.1 Delimitação do tema:

Documentar através de videoreportagem o tradicional festejo em alusão à Santa Cruz de Bela, o qual acontece anualmente no dia 15 de novembro, na cidade de Maruim – SE, visando a relevância do período para os munícipes da cidade e os devotos da Santa Cruz de Bela.

1.2 Problema

De qual forma “Bela” se tornou um instrumento de tamanha devoção popular para os munícipes da cidade de Maruim?

2 INTRODUÇÃO

De acordo com Daniel Piza (2009), o jornalismo cultural deve dar sua contribuição para aumentar as chances da introdução cultural em suas notícias e reportagens. Estas, por sua vez, por mais que sigam determinados padrões da execução da profissão jornalística, devem fazer com que haja uma reflexão na sociedade, quanto a formação do seu senso crítico e sua opinião sem grandes interferências em ideologias de qualquer cunho.

Daniel considera ainda que o jornalismo cultural supostamente tem uma vertente que consiste na divulgação de valores, crenças e símbolos culturais de uma sociedade, a qual não deve restringir-se somente a produtos oriundos de imposições mercadológicas. Esta vertente impacta diretamente no conhecimento e na formação de valores de um cidadão.

Com base no que foi colocado acima, apresentamos como objeto de estudo deste pré-projeto, os festejos alusivos à Santa Cruz de Bela, realizados todos os anos no período de 17 a 19 de novembro na cidade de Maruim, interior do Estado de Sergipe.

A Santa Cruz de Bela faz parte do calendário cultural do município de Maruim - SE devido ao valor simbólico atribuído a história da santa, perpetuado entre os populares do século XIX até os dias atuais. Sua inusitada história motiva a inquietação de como uma garota de nove anos de idade, assassinada acidentalmente ao entardecer por um policial ao ir comprar querosene, se tornou um símbolo de devoção e fé para munícipes locais e pessoas de outras cidades.

Entre os produtos culturais divulgados na imprensa Sergipana, a história da Santa Cruz de Bela é muito pouco lembrada e muito menos citada, o que leva o desconhecimento da tradição popular de um âmbito municipal para um cenário mais amplo. A situação também ocasiona a retenção do conhecimento sobre a história somente ao local de sua origem. Partindo disso, surge a necessidade estudar e os festejos da Santa Cruz de Bela, para divulgar e enaltecer entre os meios de comunicação não só a trajetória de uma garota comum que tornou-se santa, mas também a cultura e a tradição do povo Maruinense.

Além disso, procuramos entender através desta pesquisa bibliográfica, o contexto histórico e cultural no qual a menina Bela foi atribuída, contando com a identificação dos registros de

legitimidade da história contada por populares. Além disso, compreender as causas pelas quais a tradição dos festejos se mantém até os dias de hoje, para que ao final seja possível a criação de uma videoreportagem a partir dos dados analisados.

A videoreportagem contará com opiniões de personagens que ajudarão na compreensão do tema, como o prefeito da cidade de Maruim, o pároco que celebra as missas da cidade, a zeladora da capela da Santa Cruz de Bela, um historiador que falará sobre o assunto e o depoimento de dois devotos (municípios) da santa.

Os autores trabalhados nesta pesquisa serão Daniel Piza, Frantjesco Ballerini e Luiz Caversan que ajudarão na compreensão das definições e nuances que permeiam o Jornalismo e o Jornalismo Cultural; Ivor Yorke e Regina Villela, que explanam sobre Videoreportagem; Pérsio Vieira de Souza que traz a compreensão sociológica sobre religião e cultura; Joel Aguiar, autor que explana sobre dados históricos da cidade de Maruim; Gilvan dos Santos Rosa, Luiz Eduardo Bittencourt da Silva e Maria Lúcia Marques Cruz e Silva, que trazem em suas obras registros históricos sobre a Santa Cruz de Bela.

3 - OBJETIVOS DA PESQUISA

3.1 Objetivo Geral

- ✓ Criar uma videoreportagem sobre a influência da Santa Cruz de Bela no aspecto religioso da cidade de Maruim – SE.

3.2 Objetivos Específicos

- ✓ Apresentar Bela no contexto histórico e cultural no qual foi atribuída
- ✓ Identificar registros de legitimidade da história da Santa Cruz de Bela contada por populares
- ✓ Levantar as causas pelas quais a tradição dos festejos se mantém até os dias de hoje
- ✓ Utilizar as técnicas do telejornalismo na produção

4 - QUESTÕES NORTEADORAS

- De que maneira a morte de uma menina de nove anos de idade comoveu a cidade de Maruim a ponto de cultuá-la como Santa?
- Tudo o que é dito pela crença dos munícipes é legítimo? Existe alguma prova ou documento que comprove a veracidade dos fatos?
- Desde o final do século XIX até os dias atuais, a tradição dos festejos da Santa Cruz de Bela foram perpetuados. Existem outros fatores, além da devoção, que alimentam essa tradição?

5 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta parte do texto, será apresentado conceitos e autores que lidam com a temática abordada no presente pré-projeto de pesquisa. Para facilitar a leitura, os conceitos serão apreciados pela sua amplitude, em ordem, até chegar no objeto de estudo. Serão elencados da seguinte forma: Jornalismo, jornalismo cultural, videoreportagem, religião, cultura e festividades religiosas, breve histórico da cidade de Maruim e Festejos da Santa Cruz de Bela.

5.1 – Jornalismo

O jornalismo é um serviço que traz como sua principal função o ato de informar aos seus leitores sobre os mais variados temas e acontecimentos. Secundariamente, pode tornar-se uma fonte de entretenimento para as pessoas, porém o seu principal objetivo é de transformar informações factuais de interesse público em notícia, de maneira clara e concisa para as pessoas.

Além disso, entende-se a contribuição que o jornalismo deixa para a análise de acontecimentos, que deve acontecer de forma totalmente subjetiva pela parte dos leitores. O intuito de informar solidifica-se no esclarecimento, o que não tange a indução de uma formação de opiniões a cerca de fatos nem tão pouco a manifestação de opiniões que sejam do autor da informação. O que pode ser compreendido por Luiz Caversan (2009, p.1), ao dizer que “jornalista adora falar mal de quase tudo, inclusive daquilo que faz, talvez num prolongamento do senso crítico indispensável ao papel que exerce na sociedade”.

Diante dos acontecimentos que regem a sociedade, o jornalismo tenta descrever de maneira objetiva um recorte da realidade, sob visão do profissional da área. Devido a isso, as notícias podem não configurar-se como um reflexo fiel do que acontece, pois perpassam por alguns fatores que acabam por estabelecerem critérios de seleção.

Esses fatores variam entre a formação de valores culturais do profissional de jornalismo, preconceito, a linha editorial do local de trabalho do jornalista, a visão do editor do texto, entre outros. Algo que pressupõe-se quando Luiz Caversan (2009, p.11) tenta definir o conceito de redação:

A organização da redação tal e qual a conhecemos hoje foi sendo formatada ao longo das primeiras décadas do século XX, quando a divisão das edições por temas ou assuntos determinou a organização interna dos jornalistas em grupos, atuando sob uma chefia. Ou seja, havia o chefe da economia, que comandava repórteres e redatores dedicados aos assuntos econômicos, o chefe da política, de esportes, de arte e cultura, etc.

A objetividade neste caso, onde se estabelece tais divisões, determina ao ato de informar que é possível a produção de notícias de maneira isenta aos condicionalismos que lhe são sujeitos. O jornalismo implica em dois grandes fundamentos. De um lado, a atualidade com aquilo que acontece e do outro lado a sociedade, como fonte de razões para atribuir valores aos acontecimentos e para avaliar a qualidade das ações humanas que são noticiadas. Como reflete Luiz Caversan (2009, p.4): O ser humano moderno, assim como seus antepassados, não vive sem contar e ouvir histórias, porque é na identificação com aquilo que é narrado que se estabelecem os limites e contornos de sua existência em sociedade.

Em sociedade, a atualidade se configura como aquilo que acontece. Para o jornalismo, é aquilo que de importante acontece. As coisas que são importantes podem transformar a realidade e interferir na vida das pessoas. Quanto maior for o potencial disto, maior é a importância que esses fatos podem ter. A sociedade pode ser entendida neste processo como uma dinâmica de vida, acentuada em princípios e valores que são resultantes de um processo histórico de acordos e conflitos. Como exemplo, pode ser entendido o papel da mulher na sociedade.

Hoje em dia, a mulher deve estar em pé de igualdade rigoroso com o homem no que tangem os seus direitos. Quando há um acontecimento que vá de contra a isso e ofenda a dignidade da mulher, usamos da própria fonte de critérios estabelecidos em sociedade para valores e leis que são utilizadas para julgar fatos e acontecimentos. Assim, a sociedade configura-se como fonte das razões éticas para que seja possível atribuir valor ao que acontece. No jornalismo, a ética nada mais é do que o compromisso com os valores estabelecidos pela sociedade, pois são através deles que ela se manifesta.

Embebida da ética, a notícia nasce dos mecanismos da atualidade, das ações realizadas por sujeitos sociais que geram conteúdos, de acontecimentos e pautas noticiáveis. Por trás de qualquer notícia, há um sujeito social interessado. Quando estes sujeitos realizam algum tipo de ação ou fazem com que determinado acontecimento vire notícia, o que se desloca é o discurso contido na

ação, e não o acontecimento em si. Portanto, a notícia é sempre a socialização de um discurso.

O jornalismo na construção da notícia captura falas, fatos e discursos utilizando o instrumental ético que a sociedade já possui organizado. Desta forma, oferece uma ação própria, que também é discursiva. É algo que tem a grande virtude do poder de ser acreditado, além de ser marcado pela exigência da precisão. Como reflete Luiz Caversan (2009, p.46) ao conceituar o exercício da profissão:

O jornalista é um especialista em generalidades, deve representar a média do conhecimento do leitor, colocar-se em seu lugar para aferir e reunir dados que satisfaçam quem lê, podendo e, em alguns casos, devendo fazer indagações básicas que um leitor leigo faria, mesmo que isso possa parecer banal.

Não existe jornalismo onde não há veracidade. A linguagem jornalística só existe como um bem social quando colocada a serviço do que é verdadeiro. Assim, é cumprida a função de instrumento socializador de conteúdos e de interesse para a sociedade que o jornalismo possui.

5.2 – Jornalismo Cultural

O jornalismo cultural é um dos segmentos que tem tido o maior crescimento nos últimos anos. Voltado para noticiar a produção artística, entretenimento e a cultura em suas manifestações mais diversas, a categoria vem ganhando proporções, com o advento da internet a facilidade da produção e divulgação de informações.

Daniel Piza (2009) propõe que o jornalismo cultural moderno passa por crises frequentes na sua identidade, principalmente no período do século XX quando, segundo Frantjesco Ballerini (2015, p.34) tornou-se “menos opinativo, mais focado em reportagens e notícias, com uma clara divisão de gêneros jornalísticos e enfoque maior no entretenimento de consumo de bens culturais”.

Piza (2009, p.19) rege o debate do papel jornalístico em face desta realidade e diz que a história do jornalismo cultural é dependente dos processos de evolução ocorridos ao longo do século, referentes ao rádio, cinema, TV e a revista, sendo a última fundamental “incluindo na categoria os tabloides literários semanais ou quinzenais”.

A revista também acompanha a evolução de todos estes componentes na criação e ampliação de uma indústria cultural, que segundo Piza (2009, p.44) “converteu o setor de entretenimento num dos mais ativos e promissores da economia global” e vem “se tornando mais segmentada e variada, deixando até menos órfãos aqueles que prezam obras duradouras”.

A história do jornalismo cultural tem suas origens em 1711, com a inserção da cultura na revista inglesa *The Spectator*. O periódico tinha em seu conteúdo a avaliação da arte, valor e ideia. Como tenta explicar Piza (2009, p.12) ao dizer que:

A revista falava de tudo – livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política – num tom de conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível, apostando num fraseado charmoso e irônico (...) que podia tratar dos novos hábitos vistos numa casa de café, como temas em discussão e roupas na moda, ou então criticar o culto às óperas italianas e o casamento em idade precoce.

Porém, perante os fatos colocados na fala de Piza, só no final do século XIX o jornalismo cultural veio parar no Brasil. Um grande nome deste início foi o crítico de teatro e literatura Machado de Assis. A partir de então, foram surgindo muitos críticos literários e revistas que hoje são referências na história do jornalismo cultural. Dentre as revistas brasileiras, destacam-se três nomes importantes. A revista *Klaxxon*, *O Cruzeiro* e a revista *Diretrizes*. Sendo destas, as duas últimas mais notórias perante o jornalismo cultural.

O Cruzeiro configura-se como uma publicação moderna que nenhuma história do jornalismo cultural poderia deixar de citá-la. A revista chegou em seu auge quando, no número especial sobre a morte de Getúlio Vargas, sua tiragem chegou a setecentos mil cópias vendidas. Daniel Piza (2009, p.33) comenta sobre a revista e aponta os fatores pelos quais *O Cruzeiro* rendeu sucesso em sua época:

A revista marcou época, lançou o conceito de reportagem investigativa e deu enormes contribuições à cultura brasileira ao publicar contos de José Lins do Rego e Marques Rabelo, artigos de Vinícius de Moraes e Manuel Bandeira, ilustrações de Anita Malfatti e Di Cavalcanti, colunas de José Cândido de Carvalho e Rachel de Queiroz, além do humor de Péricles (*O Amigo da Onça*) e Vão Gogo (vulgo Millôr Fernandes). Nos anos 30 e 40, a revista seria a mais importante do Brasil por sua capacidade de falar a todos os tipos de público.

Já a revista *Diretrizes* destacou-se por relacionar o jornalismo cultural brasileiro com a

reportagem literária, na época dos anos 40. A revista foi dirigida por Samuel Wainer, trazendo em suas publicações, crônicas de Joel Silveira, grande jornalista e escritor brasileiro. Joel, dentre suas jogadas de sucesso, tentava descrever o comportamento da elite paulistana em suas criações.

Daniel Piza (2009) coloca a representação da crônica na história do jornalismo cultural brasileiro ao elucidar que o gosto nacional pelas crônicas trouxe a literatura para o jornalismo. Tal literatura era praticada por jornalistas e escritores, os quais Piza (2009, p.33) tenta enumerar:

De Machado de Assis a Carlos Heitor Cony, passando por João do Rio, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Ivan Lessa e outros, a crônica sempre teve espaço fixo nas seções culturais de jornais e revistas brasileiras e, portanto, é uma modalidade inegável do jornalismo cultural brasileiro.

Sendo uma modalidade do jornalismo cultural do Brasil, estes grandes nomes contribuíram em suma para a consolidação dos jornais e das revistas, desde as primeiras épocas de suas primeiras circulações até os dias atuais.

5.3 – Videoreportagem

A videoreportagem é um instrumento do jornalismo que leva informações a sociedade, por meio de recursos tecnológicos que capturam imagem, áudio e vídeo sobre determinados fatos. Assim, estabelece um conjunto de informações, em sua maioria, visuais, que passam por um processo de edição e ao final, oferecem um produto jornalístico que aproxima o fato da realidade.

O sujeito da videoreportagem é o repórter. O profissional carrega uma responsabilidade maior sobre as pautas que lida no dia a dia, devido a grande correria que as redações de TV enfrentam para revisar o material colhido, editar e colocar ao ar em tempo hábil. O que pode ser reforçado por Ivor Yorke (2007, p.130) ao dizer que “não importa a de que forma o dicionário defina a função do jornalista, a percepção do papel do repórter pelo público é a de que ele é quem faz a matéria”.

Mas, para o repórter fazer a matéria, é necessário que uma equipe de reportagem, composta por profissionais que lidam com vídeo e áudio, seja a sua principal aliada. O trabalho em conjunto realizado por estes profissionais devem estar em perfeita harmonia, pois aumenta a possibilidade de

entrega de um material que realmente seja consistente e próximo dos acontecimentos reais da narrativa.

Geralmente, não existe a possibilidade do repórter voltar ao local onde passaram-se os fatos devido ao tempo curto, então a escolha dos personagens e cenários que irão compor a “trama” precisa ser certa e óbvia, bem como a idealização da reportagem como um todo. Em algumas empresas, segundo Ivor York (2007, p.130), a atuação do repórter torna-se “limitada, com a obrigação de cumprir pautas diárias determinadas pela equipe da redação, pelos pauteiros, sendo o produto final, sobre o qual ele não tem controle, formatado por editores de imagens, redatores e produção”.

Os editores de imagens carregam a responsabilidade de organizar o conteúdo que irá ser veiculado. Tal organização pode ser definida como edição, que consiste na seleção e definição de informações sonoras e visuais como produto da reportagem.

A edição implica no trabalho editor, como reflete Regina Villela (2008, p.208) ao afirmar que o profissional “deve ser qualitativo na escolha das imagens e das sonoras”. De fato, a atenção do editor deve ser redobrada na seleção do conteúdo produzido pelo repórter e sua equipe, pois, carrega a responsabilidade sob a forma da videoreportagem. Nesta etapa, o diálogo entre todos os profissionais envolvidos é necessário, pois estabelece um maior entendimento sobre o que foi idealizado para a construção da narrativa.

5.4 – Religião, Cultura e Festas Populares

A religião e a cultura popular, além de estarem atreladas uma a outra, são muito ricas e diversificadas. As festas populares derivadas das crenças religiosas são importantes e frequentes, ocorrendo ao longo de quase todo o ano. Além de se configurar como um momento para o lazer, as festas trazem consigo a ocasião para o pagamento de promessas, o que contribui para o desenvolvimento de laços de solidariedade no meio popular.

Nestes momentos, surge a oportunidade de expressar a capacidade de organização, a criatividade e sobretudo a devoção sob as crenças religiosas dos indivíduos. Porém, antes de elencar

conceitos referentes a festas populares, faz-se necessário compreender o que é a religião, bem como a cultura.

A religião, segundo Pêrsio Santos de Oliveira (2009, p.210) “envolve a crença em poderes sobrenaturais ou misteriosos” e está intimamente ligada a um sentimento de respeito, temor e veneração. Tais sentimentos expressam-se em atitudes que podem ser públicas ou não, mas que lidam diretamente em relação a um ser superior.

A forma pela qual se expressa a religião pode variar de acordo com a construção social na qual está inserida. Algo que muda de acordo com o modo peculiar de cada pessoa, grupo ou época. Como exemplo, alguns preferem condensar suas práticas religiosas ao participar de rituais, ou se vestirem de acordo com os princípios pelos quais a religião é regida em sociedade.

Pêrsio Santos de Oliveira (2009, p.210) diz que a influência da religião independe de uma que se sobressaia entre todas que já existem: “Católica, evangélica, islâmica, ortodoxa, hebraica, umbandista, etc. - continua sendo uma das principais instituições a influenciar o comportamento humano em todas as sociedades do mundo contemporâneo”.

O conceito de cultura para Pêrsio Santos de Oliveira (2009, p.181) estabelece um “conjunto de crenças, regras, tradições, ensinamentos e costumes produzidos e transmitidos no interior de uma sociedade” onde a religião está inserida como uma forma não-material de cultura. Ou seja, abrange somente os aspectos morais e intelectuais do indivíduo.

A identidade de um povo se manifesta através do contexto cultural sob o qual está inserido, o que implica o sentido das crenças. Se é necessário crer em algo, também faz-se necessário a compreensão sobre no que deve-se depositar a crença. Geralmente, as crenças são derivadas de referenciais perpetuados ao longo do tempo pela sociedade, que toma como base a crença em uma divindade ou ser superior.

A relação entre cultura e religião está atrelada intimamente ao processo histórico em que o ser humano, desenvolve o pensamento religioso devido a questionamentos sobre acontecimentos, os quais não possuem explicação através de algo concreto e lógico. Partindo deste pressuposto, se

estabelece um sentido sobrenatural e único para estes acontecimentos, para de que alguma forma possam ser inseridos dentro do cotidiano em sociedade.

Segundo Wikipédia (2017), as festividades religiosas configuram-se como uma representação da manifestação da fé de um povo. Nas festas religiosas, há a comemoração de “acontecimentos, personalidades, fatos ou mistérios de um grupo social” que quando exteriorizados publicamente, fortalecem a presença de cada indivíduo a um grupo de pessoas que compartilham das mesmas convicções religiosas.

5.4 – Breve Histórico da Cidade de Maruim

Maruim é uma cidade do leste sergipano localizada a 30 km de distância da capital. Sua área é de 95,3 km e possui uma altitude de 30,0 metros. Possui o tipo climático quente úmido, sendo o seu período chuvoso entre os meses de março e agosto, podendo alcançar a temperatura anual de 25° C. Sua vegetação contempla Mata Atlântica, Capoeira, Manguezais e Caatinga.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE (2010), seus aspectos demográficos contemplam 16.343 habitantes em seu território, sendo destes 8.332 mulheres e 8.011 homens. Sua população estimada para 2017 é de 16.343 habitantes. A densidade demográfica do município é de 174,29 habitantes por km² em 2010. Já o índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM da cidade é de 0,618.

Para Gilvan dos Santos Rosa (1999) a economia do município é regida pela agricultura, pecuária e a pesca. Na agricultura, os principais recursos configuram-se como a cana-de-açúcar, a cana, a laranja e a mandioca. Na pecuária, a criação de galináceos, bovinos e equinos. Na pesca, o principal fator de subsistência são peixes, mariscos e crustáceos.

Quanto aos aspectos históricos, Maruim estava situada no alto das margens do rio “Ganhamoroba”, fator que levou ao vasto desenvolvimento da cidade por estar localizada em local de embarque e desembarque para o comércio e lavoura. Desta forma, tornou-se o principal ponto por onde passava grandes quantidades de açúcar, além de permitir o desenvolvimento de uma das principais casas de comércio da província.

Gilvan dos Santos Rosa (1999) diz que Maruim foi elevada a vila de Santo Amaro de Maruim em 19 de fevereiro de 1835, levando a extinção da Vila de Santo Amaro das Brotas. Só em 5 de maio de 1854, através da lei n.374, Maruim foi elevada a categoria de cidade devido a sua grande potencialidade na indústria açucareira. Porém, mesmo sendo uma cidade promissora a ser a capital do Estado de Sergipe, decedeu-se devido ao desenvolvimento industrial e comercial da nova cidade que na época foi planejada: Aracaju.

Segundo Joel Aguiar (2004), os historiadores atribuem a José Pinto de Carvalho e a sua mulher Ana Aguiar Pinto, o grande progresso no surgimento da cidade de Maruim. Outros nomes destacam-se entre as figuras ilustres do município, como o Barão de Maruim – João Gomes de Melo, o poeta Cleômenes Campos, Deodato Maia e Alberto Deodato, sendo esses dois últimos escritores e políticos. Além deles, o professor Oséas Santos, filho da terra que destacou-se no campo das artes plásticas.

5.5 – Festejos da Santa Cruz de Bela

Em Sergipe, na cidade de Maruim, todos os anos é comemorado no período de 17 a 19 de novembro, o tradicional festejo em alusão à Santa Cruz de Bela. Desde o final do século XIX, Bela tornou-se a protagonista de uma celebração que foi perpetuada por mais de duzentos anos devido a sua história comovente e inusitada.

Segundo Luiz Eduardo Bittencourt da Silva (2014), para a crença popular, Bela foi uma garota de nove anos de idade que morava no bairro Arapiraca, no município de Maruim. Morava com sua mãe que a criou com muito amor, num lugar onde não existia energia.

Certo dia, a mãe de Bela pediu para que ela fosse comprar querosene, afim de que fosse possível acender o candieiro que iluminava suas noites. A tarde já estava caindo quando Bela atravessou a BR 101, em direção a entrada da cidade de Maruim. Seguindo, adentrou na antiga rua do Açougue onde hoje está localizada a travessa Quintiliano da Fonseca. Era ali que ficava a bodega onde costumava comprar querosene todos os dias.

Na rua, localizava-se a antiga Guarnição da cidade onde, neste dia, um soldado limpava a

sua arma. Acidentalmente, o soldado disparou um tiro que acabou atingindo a garota Bela. Como revela Luiz Eduardo Bittencourt da Silva (2014, p.41) através de versos: “O soldado lá estava com o seu fuzil na mão. Limpando a sua arma com bastante atenção. Mas a arma disparou e depois caiu no chão. Quando Bela ali passou a bala lhe acertou”.

Após a morte de Bela, houve uma comoção ímpar dos munícipes de Maruim pois, não acreditavam que uma garota tão espirituosa, bonita e cheia de vida fosse morrer daquela forma, uma verdadeira tragédia. A notícia da morte de Bela espalhou-se e deixou a cidade em luto.

Dias depois do ocorrido, foi colocado uma cruz no exato lugar onde Bela faleceu, no antigo trapiche da cidade. As pessoas comovidas com a sua morte, depositavam ali flores e orações em sua homenagem. A partir disso, sua memória foi sendo cultuada. Segundo Bittencourt da Silva (2014) a menina faleceu, porém em memória foi ressuscitada.

Com o passar do tempo, o que era comoção foi tornando-se devoção. Muitas pessoas passaram a relacionar a figura da menina Bela com a cruz que foi posta em sua homenagem. Junto a flores e orações, começaram também a pedir a interseção da menina em milagres. Algo que segundo populares, parte do pressuposto da pureza e bondade de uma criança que teve a vida tão curta.

Entre os munícipes, há relatos não comprovados de milagres pela interseção da Santa Cruz de Bela. Para Bittencourt (2014), a história de Bela tomou proporções devido a força popular, a qual não teve participação da igreja na propagação da idéia de que necessariamente tornou-se uma santa que realiza milagres de seus pedintes.

Um morador da cidade de Maruim chamado Neném Colcheta foi o grande precursor da festa da Santa Cruz de Bela. Neném era leiloeiro, sendo que todos os anos passara a arrecadar prêmios para leiloar e destinar os valores obtidos para a instituição da festa em homenagem a Bela, bem como para a possível construção de sua capela.

A quermesse em homenagem a Bela tinha barracas de doces e salgados, onde eram comercializados bolos, doces de pimenta, arroz doce, queijadas, sucos e maçã do amor, sendo este último um dos maiores consumidos durante a festa. Eram comidas que agradavam o paladar de

crianças e adultos.

Além de iguarias típicas, a festa era conduzida por violeiros que tocavam suas músicas até o amanhecer. Diante dos músicos, formavam-se rodas de amigos que jogavam conversa fora e relembavam memórias enquanto contemplavam o som e todo o agito que a solenidade ocasionava. As crianças eram contempladas com um pequeno parquinho, que contava com um barco e um carrossel que promoviam a enforia entre elas.

Após alguns anos de celebração da festa em homenagem a Cruz de Bela, Pedro Dantas, na época prefeito da cidade de Maruim, viabilizou a construção da capela da menina Bela com a doação de um terreno, próximo ao trapiche onde ela tinha falecido. Foi algo que reforçou mais ainda a crença do povo, que passou a levar ex-votos até o altar da capela acreditando que iriam obter a cura desejada. Como representa Luiz Eduardo Bittencourt da Silva (2014, p.50) através de seus versos: “Os devotos lá levavam ex-votos para celebrar. Acreditavam que Bela a eles iriam curar. Os ex-votos representavam uma cabeça ou uma mão, ou um pé que ela curou com sua interseção”.

A igreja católica passou a estar presente na festa, porém não legitimou a história e nem oficializou a menina Bela como santa. Devido a isso, a festa em sua alusão não está presente no calendário litúrgico. Alguns padres aceitavam pedidos de batizado na capela e até a reza de missas em seu interior, porém não é algo unânime entre todos os párocos que a cidade teve.

Com o passar do tempo, a prefeitura passou a investir na organização dos festejos da Santa Cruz de Bela. A festa foi transferida para o bairro Boa Hora onde permanece, nos dias atuais, materializada como um dos símbolos da cultura local de Maruim. Até hoje, devotos de toda a região aparecem no mês de novembro, para agradecer os milagres concedidos por Bela e a sua Santa Cruz, especificamente na data em que é celebrada a solenidade festiva.

Em seus escritos, Luiz Eduardo Bittencourt da Silva (2014, p.55-56) a possibilidade da história de Bela ser, na verdade, uma lenda contada e perpetuada por populares:

Bela atravessou o tempo. Na memória, continuou. Porque para Maruim, ela se configurou. Em símbolo de devoção, Bela já se consagrou. Porque o homem não

deve nunca desconsiderar a força do improvável. Não podemos desprezar se mito, lenda ou verdade. Quem somos nós para julgar? [...] Se Bela um dia existiu, eu não quero aqui provar. Só sei que ela existe na religiosidade popular. E para quem acredita, ela sempre existirá.

Pode-se cruzar os versos acima com as informações adquiridas através de uma pesquisa feita pela historiadora Maria Lúcia Marques Cruz e Silva, filha da cidade de Maruim – SE. Maria Lucia levantou pistas sobre possíveis parentes da menina Bela, realizando uma consulta entre alguns munícipes, dos quais podemos destacar Maria Pastora Santos, conhecida como Dona Pastorinha. Maria Pastora revelou, através de seu depoimento, que a mãe de bela chamava-se Sá Maninha.

Mais uma evidência descoberta. Dona Joaquina Siqueira, de 100 anos de idade, deu a pista de que um dos possíveis sobrinhos de Bela morava em Aracaju, se chamava Wilson Figueiredo e era filho de “Caçula”. Após uma pesquisa no catálogo de endereços telefônicos, Maria Lúcia Marques obteve o número de telefone do então último parente vivo de Bela. Abaixo, segue um trecho do depoimento de Wilson recolhido por Maria Lucia Marques Cruz e Silva (1994, p. 78): “Tio Otávio era o mais velho. Depois veio tia Bela e por último Émilia (Caçula), minha mãe. Quando eu era pequeno, falavam da morte de bela”.

Segundo Maria Lúcia Marques (1994) a partir da certidão de nascimento de Wilson Figueiredo, foi constatada a informação de que o nome da avó de Bela era Ana Guilhermina. Paralelamente, foi feita uma pesquisa no Arquivo do Judiciário, em Aracaju, na seção de corpo e delito. Como base, foi utilizado o depoimento de Wilson, porém nenhuma outra informação a mais foi obtida, como por exemplo a respeito dos restos mortais dos familiares e principalmente, da garota Bela.

Uma nota publicada pelo jornal maruinense *O Comércio* revela que o falecimento de Bela ocorreu antes do ano de 1917. A nota faz-se presente na pesquisa elaborada por Maria Lúcia Marques Cruz e Silva (1994, p. 79): O nicho de Sta. Cruz de Bela que é próximo ao quartel policial, amanheceu na 4º feira com um vidro quebrado e todo remexido [...] Maruim, 14 de janeiro de 1917. Jornal O Comércio – nº 33 – pág.2.”

Considerando que a pesquisa foi publicada no Inventário Cultural da Cidade de Maruim, há 23 anos atrás, não há nenhum outro registro que forneça informações concretas sobre a existência

de Bela. Maria Lucia Marques Cruz e Silva traz uma investigação superficial para a sua pesquisa, elencando possíveis parentes da garota. Porém, há em mente de uma boa parte da população maruinense, o desconhecimento da origem de Bela, restando somente a reprodução de uma crença que foi perpetuada. Algo que continua trazendo inquietações e incertezas sobre a veracidade da história contada pelo popular.

6 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, será utilizada uma pesquisa bibliográfica através de livros, com a junção de autores que ornem com todas as temáticas trabalhadas neste pré-projeto. Sendo que, a abordagem desta pesquisa faz uso predominante do método qualitativo, pois procura entender por meio da subjetividade, como o objeto estudado se comporta em sociedade, diante das opiniões do senso comum.

Rodrigues (2011, p.55) emprega o conceito de pesquisa qualitativa, pelo qual pode-se provar que o presente estudo carrega este método em sua abordagem: “É utilizada para investigar um determinado problema de pesquisa, cujos procedimentos estatísticos não podem alcançar devido à complexidade do problema”.

Devido à complexidade que envolve o objeto de estudo escolhido para este pré-projeto, justifica-se a escolha pelo método qualitativo, pois é por meio dele que se dá a compreensão ampla ao leitor sobre o tema, a partir dos conceitos e autores elencados. A pesquisa só envolve o método quantitativo em estatísticas de alguns elementos abordados no desenvolvimento da fundamentação teórica, como mero caráter complementar e informacional ao tema discutido em questão.

A pesquisa fará o uso de entrevistas para que posteriormente, seja possível a elaboração de uma videoreportagem com a duração de 12 minutos, utilizando-se de imagens e dados coletados entre os períodos de 17 a 19 de novembro de 2017 e 9 a 13 de abril de 2018. Os personagens que participarão da abordagem terão um papel fundamental no entendimento da história que cerca a Santa Cruz de Bela, objeto principal destacado nesta presente pesquisa.

A priori, serão entrevistados: o atual prefeito da cidade de Maruim – SE, Jefferson Santana; o pároco da cidade; a zeladora que atualmente é responsável por cuidar da capela onde fica localizada a Cruz de Bela; o historiador Carlos Rabelo e dois munícipes que se consideram devotos de Bela os quais, todos os anos, ajudam a perpetuar esta tradição aos seus filhos, netos e bisnetos.

Todos os personagens que foram enumerados acima trarão as suas subjetividades a cerca dos festejos da Santa Cruz de Bela. Suas opiniões, quando cruzadas e reunidas em uma

videoreportagem, trarão ao expectador um entendimento melhor de quem é Bela, do que se trata a festividade e porque é comemorada com tanto zelo pelos cidadãos maruinenses. Posteriormente, o material será editado pela equipe de edição do CCS – Centro de Comunicação Social da Universidade Tiradentes.

Entre os objetivos específicos deste pré-projeto está a apresentação da garota “Bela” nos contextos históricos e culturais, pelos quais teve a sua história perpetuada até os dias atuais. Além disso, identificar registros de legitimidade perante tudo o que é dito pelos populares em relação a menina “Bela”, pois faz-se necessário entender se é uma falácia ou se realmente ela existiu.

Algo que também configura-se como um objetivo específico desta pesquisa é o levantamento das causas pelas quais a tradição dos festejos alusivos a santa Cruz de Bela são mantidos nos tempos atuais. É necessário compreender como uma festa, antes organizada por munícipes, passou a ter sua organização pela prefeitura da cidade, todos os anos.

Após a execução de todas as etapas abordadas ao longo deste procedimento metodológico, se dará a construção do trabalho de conclusão de curso – TCC. Por sua vez, o TCC contará com um cronograma de execução da pesquisa, que tentará estabelecer, por data, as etapas de sua elaboração.

Entre as etapas, estarão a análise e as possíveis adequações deste pré-projeto, a revisão da literatura, a coleta de entrevistas para a videoreportagem, a edição do material colhido, a montagem da videoreportagem e por final, a apresentação para a banca de qualificação para a obtenção da aprovação no curso.

7 - CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA

ATIVIDADE	SEMESTRE 2018/1					
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	JUNHO
Análise e adequações pré-projeto			X			
Revisão da literatura			X	X	X	
Coleta de entrevistas para a videoreportagem				X		
Gravação de offs e passagens				X	X	
Edição do material colhido (entrevistas)					X	
Apresentação a banca de qualificação						X

8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAVERSAN, Luiz. **Introdução ao jornalismo diário: como fazer jornal todos os dias**. Volume 1 - São Paulo: Saraiva, 2009.

BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo cultural no século 21: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática**. - São Paulo: Summus, 2015.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 3. ed., 2ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2009.

YORKE, Ivor. **Telejornalismo**. 4. ed. - São Paulo: Roca, 2007.

VILLELA, Regina. **Profissão: Jornalista de TV – Telejornalismo Aplicado na Era Digital**. - Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2008.

FESTIVIDADES religiosas aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Festividades_religiosas> Acesso em: 13 nov 2017.

SANTOS DE OLIVEIRA, Pêrsio. **Introdução à sociologia** – São Paulo: Editora Ática S.A., 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/2WIFB>> Acesso em: 12 nov 2017.

ROSA, Gilvan dos Santos. **Maruim, coisas que ouvi dizer...** 2. ed. rev. Aracaju: Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer, Sercore, 1999.

AGUIAR, Joel. **Traços da História de Maruim**. 2. ed. Edição comemorativa dos 150 anos de Maruim. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe. Gráfica Editora J. Andrade, 2004.

SILVA, Luiz Eduardo Bittencourt da. **Maruim mais “Bela” (em versos)**. Aracaju: J. Andrade, 2014.

CRUZ E SILVA, Maria Lúcia Marques. **Inventário Cultural de Maruim**. Edição comemorativa aos 140 anos de Emancipação Política da cidade. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia Científica**. 4.ed., rev.; ampl. - Aracaju: Unit, 2011.

ANEXO A
ASSINATURAS DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM



AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular (colocar seu nome):

CARLOS ALBERTO NASCIMENTO RABELO
RUA DO ROSÁRIO Nº 50

Residente à RUA DO ROSÁRIO Nº 50

Data de nascimento 17/10/1975

R.G.: 1.227.277

C.P.F.: 664.139.825-00

Doravante denominado (a) LICENCIANTE e SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO TIRADENTES S/S LTDA, com sede à AV. MURILO DANTAS, 300, FAROLÂNDIA, ARACAJU-SE, inscrita no CNPJ: 130132630001/87, doravante denominada LICENCIADA, têm entre si junto e acertado o que segue:

- 1- LICENCIANTE autoriza a LICENCIADA a utilizar sua imagem fixada na obra adiante especificada:

TRANSMISSÃO AULA NEAD

- 2- A presente autorização confere a LICENCIADA o direito de usar a imagem da LICENCIANTE fixada na obra abaixo discriminada como ILUSTRAÇÃO durante prazo INDETERMINADO.

Marim, 24 de Abril 2018
Cidade, data (dia, mês e ano).

LICENCIANTE Carlos Alberto D. Rabelo
(Assinatura do personagem)

LICENCIADA _____
(Assinatura da produtora)

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular (colocar seu nome):

Elaine Pereira Dantas Rabelo

Residente à Rua do Rosário, 50 Mossoró-SE

Data de nascimento 12-05-1979

R.G.: 1436335

C.P.F.: 1498856227568

Doravante denominado (a) LICENCIANTE e SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO TIRADENTES S/S LTDA, com sede à AV. MURILO DANTAS, 300, FAROLÂNDIA, ARACAJU-SE, inscrita no CNPJ: 130132630001/87, doravante denominada LICENCIADA, têm entre si junto e acertado o que segue:

- 1- LICENCIANTE autoriza a LICENCIADA a utilizar sua imagem fixada na obra adiante especificada:

TRANSMISSÃO AULA NEAD

- 2- A presente autorização confere a LICENCIADA o direito de usar a imagem da LICENCIANTE fixada na obra abaixo discriminada como ILUSTRAÇÃO durante prazo INDETERMINADO.

Mossoró, 24 de Abril 2018
Cidade, data (dia, mês e ano).

LICENCIANTE Elaine Pereira Dantas Rabelo
(Assinatura do personagem)

LICENCIADA _____
(Assinatura da produtora)

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular (colocar seu nome)

Elaine Dantas

 Residente à Rua Barros do Rio Branco, nº 63
Maracum - SE

 Data de nascimento 14-01-1937

 R.G.: 881.923

 C.P.F.: 459.837.805-06

Doravante denominado (a) **LICENCIANTE** e **SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO TIRADENTES S/S LTDA**, com sede à **AV. MURILO DANTAS, 300, FAROLÂNDIA, ARACAJU-SE**, inscrita no **CNPJ: 130132630001/87**, doravante denominada **LICENCIADA**, têm entre si junto e acertado o que segue:

- 1- **LICENCIANTE** autoriza a **LICENCIADA** a utilizar sua imagem fixada na obra adiante especificada:

TRANSMISSÃO AULA NEAD
- 2- A presente autorização confere a **LICENCIADA** o direito de usar a imagem da **LICENCIANTE** fixada na obra abaixo discriminada como **ILUSTRAÇÃO** durante prazo **INDETERMINADO**.

Maracum, 24 de Abril 2018

Cidade, data (dia, mês e ano).

LICENCIANTE Elaine Dantas
 (Assinatura do personagem)

LICENCIADA _____
 (Assinatura da produtora)

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular (colocar seu nome):

JEFERSON SANTOS DE SANTANA

Residente à

RUA GENERAL SILVEIRA Nº 54

Data de nascimento

03/01/1961

R.G.:

308.440 / SSP/SE

C.P.F.:

17156823515

Doravante denominado (a) LICENCIANTE e SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO TIRADENTES S/S LTDA, com sede à AV. MURILO DANTAS, 300, FAROLÂNDIA, ARACAJU-SE, inscrita no CNPJ: 130132630001/87, doravante denominada LICENCIADA, têm entre si junto e acertado o que segue:

- 1- LICENCIANTE autoriza a LICENCIADA a utilizar sua imagem fixada na obra adiante especificada:

TRANSMISSÃO AULA NEAD

- 2- A presente autorização confere a LICENCIADA o direito de usar a imagem da LICENCIANTE fixada na obra abaixo discriminada como ILUSTRAÇÃO durante prazo INDETERMINADO.

Marion 24 de Abril 2018

Cidade, data (dia, mês e ano).

LICENCIANTE

(Assinatura do personagem)

LICENCIADA

(Assinatura da produtora)

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular (colocar seu nome):

Maria Eugenia Nunes Santos

 Residente à Rua Jose Antuliano da Fonseca, 50
Centro Marum-SE

 Data de nascimento 02-02-1959

 R.G.: 324.734

 C.P.F.: 489.890.025-91

Doravante denominado (a) LICENCIANTE e SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO TIRADENTES S/S LTDA, com sede à AV. MURILO DANTAS, 300, FAROLÂNDIA, ARACAJU-SE, inscrita no CNPJ: 130132630001/87, doravante denominada LICENCIADA, têm entre si junto e acertado o que segue:

- 1- LICENCIANTE autoriza a LICENCIADA a utilizar sua imagem fixada na obra adiante especificada:

TRANSMISSÃO AULA NEAD

- 2- A presente autorização confere a LICENCIADA o direito de usar a imagem da LICENCIANTE fixada na obra abaixo discriminada como **ILUSTRAÇÃO** durante prazo **INDETERMINADO**.

Marum, 29 de Abril 2013
 Cidade, data (dia, mês e ano).

LICENCIANTE x Maria Eugenia Nunes Santos
 (Assinatura do personagem)

LICENCIADA _____
 (Assinatura da produtora)

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular (colocar seu nome):

Rosilda Matos Santos

Residente à Rua José Antônio da Fonseca

Centro Mourão - Se

Data de nascimento 18-07-1943

R.G.: 274350

C.P.F.: 1438286575-91

Doravante denominado (a) LICENCIANTE e SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO TIRADENTES S/S LTDA, com sede à AV. MURILO DANTAS, 300, FAROLÂNDIA, ARACAJU-SE, inscrita no CNPJ: 130132630001/87, doravante denominada LICENCIADA, têm entre si junto e acertado o que segue:

- 1- LICENCIANTE autoriza a LICENCIADA a utilizar sua imagem fixada na obra adiante especificada:

TRANSMISSÃO AULA NEAD

- 2- A presente autorização confere a LICENCIADA o direito de usar a imagem da LICENCIANTE fixada na obra abaixo discriminada como ILUSTRAÇÃO durante prazo INDETERMINADO.

Mourão, 29 de Abril 2018
 Cidade, data (dia, mês e ano).

LICENCIANTE Rosilda Matos Santos
 (Assinatura do personagem)

LICENCIADA _____
 (Assinatura da produtora)